Emerson Antonio Brancher

FUNDAMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS DO FUTSAL

Emerson Antonio Brancher

Fundamentos técnicos e táticos do futsal

© 2019 Livropostal Editora Ltda.
Produção Editorial
Equipe da Livropostal Editora
Capa
Autamir Gonzalez
Revisão Textual
Paula Barretto Barbosa Trivella

Todos os direitos reservados a Emerson Antonio Brancher. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, inclusive xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei nº 9.610, de 19/02/98).

BRANCHER, Emerson Antonio.
Fundamentos técnicos e táticos do futsal. / Brancher, Emerson Antonio; Blumenau: Livro Postal, 2019. – 150 p.

ISBN 978-85-61365-58-5

1. Futsal. 2. Técnica individual. 3. Tática. 4. Scout. 5. Goleiro de futsal. 6. Técnicas de defesa.

Livropostal Distribuidora de Livros Ltda
Rua Irineu Bornhausen, 360 - Centro
88870-000 - Imbituba-SC
Tel. (48) 3255-8382 - Cel. (48) 99922-5467
atendimento@livropostal.com.br

Agradecimentos

Agradeço aos amigos Alexandre Philippi, Michel W. Schlosser, Jéssica de Souza, Anderson Kunze, Leandro Lichtenfels Oliveira e Luciano Tamanini pela amizade e parceria em publicações anteriores que direcionaram a realização desta obra.

Agradeço a equipe de Futsal Feminino de Blumenau, meus colegas de comissão técnica e todas as atletas com que convivi e trabalhei nos anos que estive a frente da equipe.

Agradeço a equipe de Futsal Masculino de Blumenau - Blumenau/futsal pela parceria na produção desta obra, em especial ao goleiro Kelwin Alexander Schmitt pela atenção e tempo dispensado na realização das fotos.

Agradeço também a Universidade Regional de Blumenau - FURB pelo apoio realizado ao esporte Brasileiro.

SOBRE O AUTOR

Graduado em Educação Física pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), iniciou suas atividades no magistério no Ensino Fundamental e, posteriormente, passou a atuar no Ensino Superior. Professor da FURB na área de recreação, lazer, futebol e futsal. Especialista em Psicopedagogia, Supervisão Escolar e Docência no Ensino Superior, mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutor em Ciências da Saúde pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Atua como professor em diversos cursos de especialização do Vale do Itajaí.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **9**

FUTSAL E SUAS ORIGENS **12**

QUALIDADES ESSENCIAIS A UM JOGADOR DE FUTSAL **17**

Capacidade física **17**

Capacidade técnica **20**

Capacidade tática **21**

Capacidade psicológica **22**

FUNDAMENTOS TÉCNICOS DO JOGADOR DE FUTSAL – JOGADORES DE LINHA **25**

Condução **26**

Passe **27**

Chute **28**

Recepção ou domínio **31**

Drible **32**

Finta **34**

Cabeceio **34**

Marcação **36**

FUNDAMENTOS TÉCNICOS DO JOGADOR DE FUTSAL – GOLEIRO **39**

Velocidade de reação **39**

Posicionamento **40**

Lançamentos **41**

Pegadas **43**

Quedas **46**

Defesas mais comuns no futsal **47**

Defesa sem queda 47

Defesa com queda baixa 47

Defesa com queda média 48
Defesa com queda alta 48
Defesa com queda com os pés 49
Cobertura 50
Saída fechando ângulo 50
Saída arrastada 50
Funções ofensivas do goleiro 55
QUALIDADES NECESSÁRIAS À FUNÇÃO DO JOGADOR DE FUTSAL 57
Goleiro 58
Central/Fixo 59
Alas 60
Pivô 61
TÁTICA DE JOGO 63
SISTEMAS 65
SISTEMAS OFENSIVOS 65
Sistema de jogo partindo do desenho quadrado 66
Sistema de jogo partindo do desenho losango 69
Sistema de jogo partindo do desenho linha 71
Sistema de jogo utilizando o goleiro 72
PADRÕES DE MOVIMENTAÇÃO OU PADRÕES DE JOGO 75
Padrão de movimentação partindo do desenho quadrado (sistema 2x2 e suas variações) 77
Padrão de movimentação partindo do desenho losango 78
Padrão de movimentação partindo do desenho em linha 83
Manobras 84
SISTEMAS DEFENSIVOS 85

Marcação individual **86**
Marcação por zona **91**
Local da marcação em quadra ou linhas de marcação **97**
Marcação do goleiro linha **102**
Marcação losango 103
Marcação quadrado 105
Marcação em cobranças de escanteio **106**
Marcação em cobranças de lateral **108**
Sistema de transição/Contra-ataque **109**
JOGADAS COMBINADAS **120**
Jogadas combinadas para cobranças de escanteio **122**
Jogadas combinadas para cobranças de lateral (quadra ofensiva) **123**
Jogadas combinadas para cobranças de lateral (quadra defensiva) **124**
Jogadas combinadas para reposição de bola pelo goleiro **125**
Jogadas combinadas para cobranças de faltas (média distância) **126**
Jogadas combinadas para cobranças de faltas (curta distância) **127**
***SCOUT* TÉCNICO E TÁTICO** **128**
O que avaliar **130**
Modelos de *scout* **131**
AS REGRAS DO JOGO **141**
Bibliografia sugerida para complementação de leitura **142**

LEGENDA

Gl	Goleiro
AD	Ala direta
AE	Ala esquerda
Fx	Fixo ou Central
	Bola
	Jogador
	Jogador de defesa
	Deslocamento do jogador
	Deslocamento da bola
	Deslocamento do jogador com bola

INTRODUÇÃO

De acordo com Andrade Junior (2003), o futsal é um dos esportes mais populares do mundo, sendo considerado no Brasil um fator de identidade nacional. Conforme Santana (2010), apesar de não ser tão divulgado como o futebol, essa é uma modalidade esportiva que vem sendo cada vez mais praticada, principalmente nas escolas.

Para Silveira (2002), esse talvez seja o esporte que melhor atenda às especificações para o trabalho da Educação Física escolar, observando suas possibilidades e seus objetivos associados. Para Voser e Giusti (2002), o futsal tem sido incorporado na escola como forma de proporcionar um bom aprendizado, favorecendo o desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais de seus praticantes.

Conforme Borges e Amorin (2014), ele é adaptado do futebol, realizado em um espaço de jogo com dimensões de 38 a 42 metros de comprimento por 18 a 22 metros de largura, com cinco jogadores na quadra por equipe.

Atualmente, o futsal no Brasil é administrado pela Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) e mundialmente pela Federação Internacional de Futebol (Fifa).

Para Santana (2008), trata-se de um jogo imprevisível de oposição, no qual os aspectos técnico-táticos possuem grande relevância, com lógica interna composta por ataque, defesa, transição ofensiva, transição defensiva e bolas paradas.

Conforme Braz (2006), o futsal tem se caracterizado por um jogo de alta intensidade, no qual os jogadores precisam estar bem preparados física, tática e tecnicamente.

Para Mutti (2003), é a modalidade que possibilita trabalhar um conjunto de aspectos: técnico-tático do jogo, raciocínio rápido, coordenação motora, questões sociais, cooperação, respeito e liderança. Para o autor, a aprendizagem motora é uma ação pedagógica que visa oferecer amplas possibilidades de movimentação por meio de uma variedade de experiências, culminando em um alto grau de habilidade e de eficiência nos gestos específicos.

Contudo, ao pensarmos no ensino do futsal, é importante observar qual seu real objetivo: se educacional ou de rendimento. Kunz (2006) entende que os objetivos do ensino do futsal na escola devem buscar finalidades para além do esporte em si. Para o autor, o futsal na escola deve proporcionar aos alunos atividades que permitam uma cultura de movimento diversificada, favorecer na construção de entendimentos e

conceitos críticos em relação à vida social e possibilitar o desenvolvimento de capacidades de liderança e responsabilidade. Kunz (2006) destaca que é preciso ir além dos movimentos técnicos do saber fazer, construindo os fundamentos conceituais do saber pensar, do saber fazer e do saber valorar.

Por outro lado, no ensino ou na prática do futsal de rendimento, o resultado assume papel importante, pois especializa o praticante na busca da máxima eficiência nos fundamentos técnicos e táticos, na preparação física e psicológica.

FUTSAL E SUAS ORIGENS

Para Voser e Giusti (2002), existe uma grande controvérsia sobre a origem do futebol de salão, ficando a dúvida se foram os brasileiros, ao visitarem a Associação Cristã de Moços (ACM) em Montevidéu, que levaram do Brasil o hábito de jogar futebol em quadras de basquete ou se lá conheceram a novidade, trazendo-a para o Brasil e, assim, difundindo a modalidade.

De fato, autores como Tolussi (1982), Zilles (1987), Lucena (2001), Apolo (1995), Teixeira Júnior (1996), Fonseca (1997), Andrade Junior (1999), Ferreira (2001), Voser e Giusti (2002), Tenroller (2004) postulam sobre a origem do futsal, porém até o momento não se pode afirmar com certeza qual é sua efetiva origem.

Contudo, grande parte dos autores concorda que, devido às grandes conquistas do futebol uruguaio (bicampeão olímpico 1924 e 1928 e campeão mundial em 1930), o futebol se tornou amplamente praticado no país e sua procura tornou sua prática improvisada em espaços menores, como em quadras de basquete.

No livro de Fonseca (1997), encontramos uma síntese de duas possíveis correntes de criação do futebol de salão: a primeira afirma que surgiu na década de 1930, na ACM de Montevidéu, e que o professor Juan Carlos Ceriani teria redigido as primeiras regras no ano de 1933 baseadas no basquetebol, handebol e polo aquático. Tais regras podem ser encontradas no livro de Tolussi (1982), nas páginas 207 a 211, citando dados como o tamanho da quadra, a duração da partida e a composição das equipes.

Tolussi (1982), inclusive, destaca que cada equipe era composta por seis jogadores e a quadra deveria medir no máximo 26 metros de comprimento por 12 metros de largura; as metas deveriam ter 4 metros de largura por 2 metros de altura; as bolas com especificações para que não pulassem demasiadamente; a duração da partida seria de 40 minutos, dividida em dois tempos de 20 minutos, com intervalo de descanso de 10 minutos, tendo cada equipe direito a um pedido de tempo em cada período (regra adaptada do basquete); o goleiro era impedido de lançar a bola além da linha divisória da quadra (adaptado do polo aquático); os gols não poderiam ser conferidos de qualquer distância, e sim somente de fora da área penal (adaptado do handebol).

A outra corrente, segundo Fonseca (1997), é que a modalidade surgiu no Brasil no fim do ano de 1930, por intermédio de um grupo de jovens a título de recreação. Essa linha de pensamento não reconhece as regras de Juan Carlos Ceriani e afirma que o futebol de salão é genuinamente brasileiro, além de apontar que as primeiras regras do jogo foram escritas por Roger Grain e publicadas na "Revista Educação Física" n. 6, na edição de setembro de 1936. Esse documento também pode ser encontrado no livro de Tolussi (1982), apêndice 2, página 213.

Como este livro não tem o objetivo de elucidar o surgimento do futsal, a seguir elencamos alguns fatos importantes que marcaram o surgimento do esporte.

Tolussi (1982) destaca que, em 1942, o futebol de salão tomou tamanho impulso nas ACM da América do Sul que se tornou um problema discipliná-lo entre os adultos, sendo recomendada a sua prática somente entre os menores.

Em 1950, foram redigidas novas regras pela Comissão de Futebol de Salão da ACM, com o intuito de aperfeiçoá-las e diminuir a violência, como: se o jogador cometesse quatro faltas, seria eliminado da partida e proibir fazer jogadas se estiver caído no solo para evitar carrinho.

Em fevereiro de 1954, foi criada a Liga de Futebol de Salão pelo departamento de extensão da ACM de São Paulo. Em julho do mesmo ano, foi fundada a primeira Federação de Futebol de Salão no estado do Rio de Janeiro, denominada de Federação Metropolitana de Futebol de Salão (atual Federação de Futebol de Salão do estado do Rio de Janeiro).

A Federação Paulista de Futebol de Salão foi fundada em julho de 1955 e, em seguida, surgiram as federações de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A de Santa Catarina foi criada em 25 de agosto de 1957.

Conforme Tolussi (1982), em agosto de 1957, foi realizada a primeira tentativa de fundar a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), contudo não obteve a aprovação do Conselho Nacional do Desporto (CND). Em 1958, foram apresentadas as regras brasileiras para a modalidade, que trazem cinco jogadores para cada equipe.

A Federação Uruguaia de Futebol de Salão foi fundada em 1965, e em 1969 a Confederação Sul-Americana de Futebol de Salão.

Em 1971, foi fundada a Federação Internacional de Futebol de Salão (Fifusa), composta por Brasil, Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Portugal e Uruguai, sendo o brasileiro

João Havelange seu primeiro presidente. A Fifusa organizou o I Campeonato Mundial de Futebol de Salão no ano de 1982, em São Paulo, e o Brasil foi campeão.

A década de 1980 foi caracterizada por diversos acontecimentos: o surgimento dos primeiros campeonatos pan-americanos e mundiais; a aproximação da Fifa com a Fifusa para absorção do futebol de salão pela Fifa; a autorização pela Fifusa, em 23 de abril de 1983, da prática do futebol de salão feminino.

Na década de 1990, devido à fusão do futebol de cinco praticado pela Fifa com o futebol de salão praticado pela Fifusa, surge o **futsal**, com regras unificadas em todo o mundo.

Em 1996, a CBFS cria a Liga de Futsal, que reuniu em sua primeira edição dez equipes.

QUALIDADES ESSENCIAIS A UM JOGADOR DE FUTSAL

Conforme Goulart e Voser (2008), o futsal é um esporte coletivo que exige de seus praticantes um elevado conhecimento técnico-tático. Adaptações físicas e fisiológicas são essenciais durante os processos de treinamento, e as capacidades motoras como força, flexibilidade, velocidade, resistência aeróbica e anaeróbica são muito importantes para o rendimento do atleta durante o período de competição.

Além das capacidades físicas, são necessárias as capacidades psicológicas, como motivação, concentração e capacidade de trabalho em grupo, para o bom desempenho de uma equipe. Assim, a seguir, listamos algumas capacidades físicas, técnicas táticas e psicológicas necessárias ao jogador de futsal.

Capacidade física

Para González e Fraga (2012), ela corresponde às demandas orgânicas geradas pela prática esportiva. A resistência muscular, a força/potência de membros inferiores, a agilidade e a flexibilidade são consideradas essenciais para essa prática.

Para Santos Filho (2000), os praticantes de futsal necessitam fundamentalmente de *endurance*, velocidade, resistência muscular localizada, potência muscular, agilidade, flexibilidade, coordenação, ritmo e equilíbrio.

Segundo Andrade (2013), essas valências físicas e suas combinações são importantes para atender ao objetivo do trabalho proposto e suportar a demanda exigida pela modalidade.

Conceitualmente, entende-se por **flexibilidade** a capacidade e a característica de um atleta de executar movimentos de grande amplitude, ou sob forças externas, ou ainda que requeiram a movimentação de muitas articulações **(**WEINECK, 1999). **Força** é a capacidade de o sistema neuromuscular mobilizar o potencial funcional com a finalidade de alcançar altos níveis de força no menor tempo possível (PLATONOV, 2001). **Velocidade** é a capacidade de conseguir, sob a base de processos cognitivos, força de vontade máxima e funcionalidade do sistema neuromuscular, uma velocidade máxima de reação e de movimento em determinadas condições previamente estabelecidas (GROSSER, 1993). **Resistência** é a capacidade de realizar um exercício de maneira eficaz, superando a fadiga produzida (PLATONOV, 2001). **Agilidade**

é a capacidade de mudar a posição ou direção do corpo no espaço no menor tempo possível (FONSECA, 2001).

De acordo com Bello Júnior (1998), o futsal moderno exige que o jogador se movimente em todas as posições e desempenhe múltiplas funções. Dessa forma, independentemente da função na quadra por ele desempenhada, uma condição física diferenciada é de suma importância para a prática do futsal.

Segundo Carminatti (2014), as partidas possuem duração de 40 minutos cronometrados, divididos em dois períodos de 20 minutos com 10 minutos de intervalo, o que normalmente proporciona um acréscimo de 75 a 85% no tempo programado.

Barbero-Álvarez et al. (2008) destacam que o futsal é uma modalidade cujo número de substituições é ilimitado, e a intensidade mantida pelo atleta permanece elevada durante todo o período da partida. Esses autores realizaram um estudo do movimento de quatro jogos de uma equipe profissional da Liga Espanhola e observaram que a média da frequência cardíaca (FC) foi de 174 ± 7 bpm (164 – 181), o que representou 90 ± 2% (86 – 93) dos valores da FCmax. Os atletas analisados

permaneceram 83% do tempo da partida realizando ações de intensidade muito vigorosa.

Capacidade técnica

Para Garganta (2002), técnica é um elemento relevante e diz respeito à execução do gesto motor, sendo uma solução para determinada ação tática pretendida. É uma resposta motora que o jogador efetuará após ter processado as informações de acordo com a situação de jogo.

Já para González e Fraga (2012), refere-se à execução do movimento específico de um jogador e se divide em: **técnica esportiva** (representação abstrata e simplificada da forma mais adequada de solucionar um problema motor colocado por um esporte) e **habilidade técnica** (competência de execução adquirida por um sujeito para realizar uma ação motora).

Conceitualmente, os elementos da técnica individual são: condução, passe, recepção, drible, chute, finta, cabeceio e marcação, porém, conforme Tavares, Greco e Garganta (2006), algumas habilidades percetivo-cognitivas, como antecipação e tomada de decisão, são cruciais para se alcançar um desempenho eficaz em ambientes de treino e competição. Para Santana, Reis e Ribeiro (2006), antecipação e percepção são processos

cognitivos primordiais nas tomadas de decisões rápidas e adequadas, e referem-se à capacidade de leitura da informação e prever os acontecimentos dos adversários e companheiros.

Embora conceitualmente não seja um componente da técnica, a visão periférica é uma habilidade que o jogador necessita para perceber o espaço livre e ocupado da quadra de jogo. Na busca constante de soluções dos problemas que o jogo apresenta, tornam-se preponderantes a visão e a compreensão do espaço onde o jogador está inserido.

Capacidade tática

De acordo com González e Fraga (2012), tática é a coordenação de ações entre dois ou mais jogadores para conseguir os objetivos de ataque e defesa. Corresponde a combinações de movimentos de deslocamento entre jogadores, visando vantagem na jogada. Para os autores, ela passa pelo processo de desenvolvimento de o sujeito ler e resolver situações originadas no jogo.

A capacidade tática é um elemento de grande relevância no futsal, à medida que possibilita ao jogador obter maior proveito de suas capacidades físicas e técnicas, atuando de maneira coletiva.

Para Tavares, Greco e Garganta (2006), a evolução do futsal, relacionada à velocidade do jogo, à marcação, às variações de movimentações e à evolução física, diminuiu muito o tempo de escolhas das alternativas nas ações dos jogadores.

Para o jogador, noções de tempo e espaço facilitam sua atuação em quadra, pois a capacidade de atuação em espaços reduzidos é importante para o bom desenvolvimento do jogo. Deslocamentos, fintas, dribles, passes e conclusões exigem um bom desenvolvimento dessas características.

Para aprimorar a capacidade técnica e tática, também se torna indispensável ao jogador a velocidade de raciocínio, pois, devido aos espaços limitados, próprios da modalidade, o jogo exige soluções rápidas de seus praticantes. Quanto maior a velocidade de raciocínio, maior será a qualidade do atleta para o desenvolvimento do jogo, pois quem nele atua necessita de boa capacidade de raciocínio na busca de soluções para os problemas apresentados.

Capacidade psicológica

A capacidade psicológica do atleta durante a realização de treinamentos e da competição tem recebido mais atenção no esporte, sobretudo em modalidades cujo fator emocional afeta a

capacidade cognitiva dos atletas. Para Garganta (1998), inteligência para o esporte é a capacidade de adaptação a novas situações, capacidade de elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo.

Segundo Goulart e Voser (2008), treinar uma equipe sem levar em consideração os aspectos psicológicos não garante ao treinador conseguir o máximo de desempenho dos atletas, podendo ser fator diferencial entre a vitória e a derrota ou entre a primeira e a segunda colocação.

Diversas características psicológicas podem ser observadas em jogadores de futsal, tais como: comprometimento, dinamismo, persistência, concentração, liderança, competitividade, autoconhecimento, resiliência, incentivo, disciplina, comunicação, estratégia, autoconfiança e coletividade.

González e Bracht (2012) denominam como capacidade volitiva aquilo que corresponde ao conjunto de traços psicológicos peculiares demandados a um indivíduo ou grupo para atuar de forma adequada durante um jogo. Ela está relacionada, portanto, à motivação ou falta dela, à ansiedade ou desinteresse antes e durante a competição, ao medo, ao nível de

nervosismo com situações de jogo e à capacidade de concentração.

Diversas variáveis interferem na *performance* do atleta, como família, amigos, ambiente da equipe, adversário, local da partida e fase em que se encontra a competição. Para Sanches e Rubio (2010), a maneira como o atleta lida com a pressão e competição pode se tornar um momento gerador de ansiedade e estresse.

FUNDAMENTOS TÉCNICOS DO JOGADOR DE FUTSAL – JOGADORES DE LINHA

Para Voser (2001), a técnica individual no futsal é definida como todos os gestos esportivos que são realizados pelo atleta que lhe permitem dar continuidade e desenvolvimento ao jogo. Segundo Andrade Junior (2009), técnica é tudo aquilo que o atleta faz individualmente dentro da quadra de jogo. Conforme Filgueira (2004), ela proporciona o maior nível de desempenho no praticante da modalidade de forma objetiva e econômica. Para Voser (2001), dificilmente uma equipe conseguirá resultados táticos positivos se os fundamentos técnicos não forem bem executados.

Muitos autores definem os princípios da técnica individual do jogador de linha. Para Voser (2001), Saad (2002), Mutti (2003) e Tenroller (2004), os elementos da técnica individual são: condução, passe, recepção, drible, chute, finta, cabeceio e marcação.

Além dos fundamentos citados, podemos destacar a **movimentação individual**, que consiste em deslocamentos pela quadra de jogo com ou sem a posse de bola, com o objetivo de se posicionar em algum local da quadra para obter vantagem

sobre seu oponente, tanto em ações ofensivas quanto defensivas. Normalmente, são fatores determinantes para a realização de boa movimentação individual ter boas condições físicas, noções de tempo e espaço, visão periférica e compreensão do jogo.

Ao se movimentar, o jogador deve evitar perder o contato visual com a bola, sair da linha de passe e ocupar espaços da quadra que prejudiquem a movimentação de seus companheiros de equipe.

Condução

Caracteriza-se pelo deslocamento com a bola próxima ao pé, protegendo-a do adversário e percorrendo os espaços possíveis da quadra (VOSER, 2001). Para Santos Filho (2000), a condução poderá ser em linha reta, curva ou em ziguezague, porém sempre com movimentação solta e com toques sucessivos na bola. Para Mutti (2003), nesse momento do jogo, o toque deve ser leve e sutil, procurando arrastar a bola sempre junto aos pés, utilizando o lado externo. Na condução com a planta do pé, a bola deve ser pisada na direção projetada.

Para Ferreira (2001), ao conduzir a bola, deve-se estar sempre em condições de passar, finalizar, manter a posse ou dar sequência às ações de jogo.

Outro aspecto importante a ser observado é a preocupação de colocar o corpo entre a bola e o adversário, para evitar o desarme.

Passe

Para Santos Filho (2000), passe é a habilidade que o jogador deverá possuir para realização da progressão das jogadas nas trocas de bola. Segundo Mutti (2003), esse é o meio de comunicação entre os jogadores de uma equipe, o que possibilita o jogo em conjunto e a progressão das jogadas.

Segundo Santana (2004), é o passe que mantém a equipe com a posse de bola, além de facilitar o jogo de ataque, privilegiar as chances de gol e desgastar o adversário. Para Andrade Junior (1999), esse fundamento é de suma importância para o rendimento de uma equipe, pois todos os sistemas táticos dependem dele.

Voser (2001) destaca que, para ser bem executado, é preciso observar alguns aspectos, como: cabeça erguida, braços ligeiramente afastados, equilíbrio para a execução do movimento, pé de apoio próximo à bola (o que facilita o equilíbrio para a ação do pé de toque), intenção e objetivo ao

tocar na bola, força adequada para que a bola percorra a distância estabelecida.

Para o autor, as diversas formas de passes são: **simples** (utilizados, geralmente, na troca de bola na defesa); **de efeito** (com ocorrência maior no ataque, tendo o intuito de iludir o adversário); **longos** (caracterizando-se por lançamentos); **curtos** (usados nas tabelas e na movimentação defensiva).

Voser (2001) destaca que, quanto à distância, podem ser classificados em: curtos (até quatro metros), médios (de quatro a 15 metros) e longos (acima de 15 metros). O autor ainda os classifica em relação à trajetória: rasteiro, meia-altura e alto, de acordo com o espaço de jogo: diagonal, paralelo, lateral, de profundidade e cruzado, e quanto à execução: pode ser realizado com a parte interna e externa do pé, com o dorso, parte anterior do pé (bico, gancho) e com a sola do pé. Entre os passes ditos de habilidade, podemos citar os com a coxa, com o peito, com a cabeça, com o ombro, de calcanhar e com a sola do pé.

Chute

É a ação de golpear a bola, visando desviar ou dar trajetória a ela, estando parada ou em movimento (FERREIRA, 2001). Para Andrade Junior (1999), é a maneira de se tocar na

bola com força maior do que um passe. Segundo Santos Filho (2000), para a execução do chute, há a necessidade da formação de uma alavanca, sendo que a perna de ataque, balanceada, virá de trás para frente, devendo, conforme o chute desejado, estar semiflexionada ou estendida, a musculatura relaxada e o pé firme no momento de tocar a bola.

Para Voser (2001), refere-se à impulsão dada à bola com um dos pés, tendo como objetivo o gol adversário. Tenroller (2004) complementa que é uma ação que antecede o gol. Mutti (2003) destaca que, no chute, o jogador necessita maior controle da força e da direção a serem aplicadas na bola.

Uma consideração muito importante para o profissional que trabalha com iniciação é a observação do posicionamento do pé de apoio na realização do chute, devendo este estar ligeiramente ao lado da bola. Isso é essencial na hora de efetuar a batida.

Para Voser (2001), os chutes podem ser executados utilizando o dorso, a parte interna do pé, o bico, o bate-pronto, o voleio, sem pulo e com a parte externa do pé.

Dorso do pé: chute simples e muito utilizado, pois possibilita melhor direção à bola. É utilizado em bolas paradas e em movimento.

Com a parte interna do pé: realizado de maneira idêntica ao passe com a parte interna do pé, porém com mais potência.

Chute de bico: chute simples, bastante usado no futsal, pois dá mais velocidade à bola, utilizado principalmente em bolas paradas e em condução

Voleio: chute de nível de dificuldade elevada, quando a bola é atingida no ar com o dorso do pé. Pode ser frontal ou com giro lateral.

Bate-pronto: similar ao voleio, porém a bola é atingida logo após tocar na quadra, no momento que inicia a trajetória de subida. Pode ser realizado com o dorso ou com a parte interna dos pés.

Sem pulo: é um chute muito difícil de realizar, pois é executado com a bola e o corpo em suspensão, caracterizado por um pulo e troca das pernas no ar.

Com a parte externa dos pés: chute de mecânica similar ao chute de dorso do pé, porém realizado com o lado externo do pé. Ficou conhecido como chute de três dedos em detrimento da sua forma de realização, pois normalmente a bola é atingida somente com os dedos mais externos do pé.

Em relação à trajetória, eles podem ser: rasteiros, meia-altura e altos (VOSER, 2001). Embora os altos tenham mais beleza quando se marca um gol, é importante observar o índice de aproveitamento desse fundamento na categoria que está sendo disputado. O chute rasteiro também é muito eficiente e de difícil defesa.

Recepção ou domínio

Para Tenroller (2004), domínio é uma ação consciente que ocorre a partir do recebimento da bola, muitas vezes entregue por um companheiro de equipe. Segundo Costa (2007), é a forma de amortecer ou receber a bola, visando dar sequência nas ações de jogo.

De acordo com Rose Júnior (2006), recepção ou domínio de bola é a ação que consiste em receber ou interromper a trajetória da bola para que esta fique em condições de ser jogada com uma ação posterior, sendo que para dominá-la é preciso observar os fatores temporais e espaciais relacionados à velocidade, à trajetória e ao espaço disponível para o domínio. Para Melo e Melo (2006), domínio é a forma que o jogador recebe a bola com as diferentes partes do corpo, desde que, com isso, a bola fique sob seu controle.

Vários fatores interferem na recepção ou no domínio da bola, como equilíbrio do corpo no momento de recebimento, relaxamento muscular da região que participará da ação do domínio e coordenação óculo pedal.

Voser (2001) o classifica quanto à **trajetória** percorrida pela bola (rasteira, meia-altura, parabólica e alta) e quanto à **execução**: na rasteira, pode-se utilizar a face interna dos pés, a face externa dos pés ou o solado dos pés; na meia-altura, pode-se utilizar a face interna ou externa dos pés e a coxa; na parabólica, pode-se utilizar a cabeça, o peito, a coxa, o dorso dos pés ou o solado dos pés; na alta, pode-se utilizar a cabeça e o peito.

Drible

Segundo Tenroller (2004), trata-se de uma série de movimentos e ações que culmina com a superação do adversário e a sequência da jogada com a posse da bola.

Para Costa (2007), drible é o gesto pelo qual o atleta busca ultrapassar um ou mais adversários, estando com a posse de bola sob seu domínio.

De acordo com Lucena (2001), é uma ação individual, exercida com a posse de bola, visando ludibriar um oponente,

tentando ultrapassá-lo. O autor afirma ainda que, para ser bem aplicado, esse fundamento exige do praticante bom tempo de reação, velocidade de execução, noção de espaço, coordenação e capacidade de improvisar na utilização das diferentes técnicas individuais.

Para Mutti (2003), o ato de driblar é individual, realizado com a posse de bola, sendo resultado de uma combinação de variáveis, como: equilíbrio, velocidade de arranque, agilidade, descontração muscular e ritmo, tendo como objetivo ultrapassar o adversário.

Voser (2001) classifica os dribles quanto à execução: nos **simples**, se destacam as puxadas e saídas laterais com o solado dos pés, a utilização das partes interna e externa dos pés, tudo com e sem deslocamento; nos **clássicos**, se destacam a meia-lua, entre as pernas do adversário, chapéu com o peito dos pés, com passada de perna (pedalada) etc.

Há vários fatores importantes para sua execução, como: equilíbrio, coordenação óculo pedal, proximidade da bola com os pés, noção de tempo e espaço, leitura dos movimentos do adversário (distância, pé de apoio, posição do corpo, equilíbrio), velocidade de execução, agilidade, local da quadra onde será realizado o drible e situação de jogo.

Finta

Para Voser (2001), finta é um movimento executado sem a bola que pode ser realizado com os pés, as pernas, o tronco, os braços e até mesmo os olhos, basta realizar o movimento e se deslocar para o lado inverso.

Segundo Costa (2007), é o ato de se movimentar sem a bola com o intuito de ludibriar o adversário e é feito com o balanço do corpo para frente ou os lados, para obter vantagem em uma jogada.

Conforme Tenroller (2004), é uma ação de inteligência motora e cognitiva que ocorre no espaço e no tempo apropriados, com o objetivo de levar o adversário a pensar que irá para um lugar quando, na verdade, pretende-se ir para outro.

Voser (2001) destaca que as fintas podem ser **ofensivas** ou **defensivas** e que, ao realizá-las, o jogador deve considerar sincronizar os movimentos, ter noção de espaço, visão de jogo e tempo de bola.

Cabeceio

Conforme Tenroller (2004), é a ação de golpear a bola com a cabeça. Para Mutti (2003), ele deve ser executado, preferencialmente, com a testa (parte frontal da cabeça) e os

olhos abertos, para possibilitar a observação da bola até o último momento antes da ação.

O cabeceio não é um dos fundamentos mais utilizados no futsal devido às características da própria modalidade, porém deve ser treinado como os demais, pois pode ser utilizado em diversas situações de jogo.

Pode ser realizado de maneira **defensiva**, quando se destina a tirar a bola de uma determinada área de perigo, ou como fator **ofensivo**, quando é utilizado para passar a bola a um companheiro ou fazer um gol. Também é utilizado em situações nas quais a bola é lançada ao ataque para ser desviada de sua trajetória, direcionando-a ao gol para dificultar a defesa do goleiro (VOSER, 2001).

Alguns fatores são importantes para um bom cabeceio, tais como: manter os olhos abertos durante sua execução; ter tempo de bola (percepção da distância que a bola está e duração do tempo para sua chegada); realizar extensão de coluna e posteriormente levá-la para frente em movimento rápido para conseguir aplicar velocidade no deslocamento da bola; manter braços semiflexionados para mais equilíbrio e proteção contra os adversários; para cabeceios em suspensão, possuir boa impulsão, saltando em direção à bola.

Marcação

Segundo Tenroller (2004), a marcação se caracteriza pela ação de evitar que o adversário receba a bola ou, quando este a possui, impedir ou dificultar suas ações técnicas de condução, passe, chute ou drible. Para Lucena (2001), é a ação de impedir que o oponente direto tome posse da bola e, quando de posse dela, venha a progredir pelo espaço de jogo.

Voser (2001) divide a marcação em duas fases: **aproximação** (quando o jogador busca se aproximar do adversário procurando a distância correta para fechar o espaço de passe ou progressão do adversário, buscando o melhor equilíbrio do corpo para uma futura ação de abordagem) e **abordagem** (busca da posse de bola ou desequilíbrio para uma ação de passe defeituosa).

Há diversos fatores importantes para a realização de uma boa marcação, sendo considerado um dos mais básicos e importantes sempre estar posicionado entre o adversário e o seu gol. O marcador ainda deve observar que seu corpo deve estar posicionado lateralmente quando for efetuar a marcação, com as pernas semiflexionadas e evitar que os calcanhares estejam colados ao chão para manter o equilíbrio e facilitar o início dos deslocamentos. Atentar para estar sempre atrás da linha da bola,

observar os possíveis espaços por onde a bola poderá nas ações ofensivas do adversário, diminuir a distância do jogador que está com a posse de bola, evitando que ele ganhe espaço na quadra ou tenha muito tempo para observar o deslocamento dos companheiros ou ainda consiga pensar em ações subsequentes.

Para Voser (2001), outro aspecto importante que deve ser observado na realização da marcação é a antecipação a qual se caracteriza pela chegada na bola antes do adversário, interceptando-a. A antecipação pode ser realizada **com a posse de bola**, que se caracteriza pela antecipação ao adversário, impedindo que ele receba a bola, e o jogador defensor consegue manter o domínio ou controle da bola, e **sem a posse de bola**, quando o jogador realiza as ações anteriores, porém não consegue manter o domínio ou a posse de bola.

Um dos fatores mais importantes para a realização de uma boa antecipação é a percepção de espaço/tempo. Se o jogador estiver em dúvida se conseguirá efetuar a antecipação, deve evitar fazê-la, pois, se errar, pode provocar consequências graves à equipe defensora.

Outro aspecto que merece destaque na marcação é o desarme, que por vários autores é abordado como uma habilidade distinta da marcação. Entende-se que este seja o

objetivo de uma boa marcação, porém muitas vezes não é realizado em detrimento da situação do jogo, de posicionamento do defensor. O desarme consiste em recuperar a bola do jogador de uma equipe adversária sem que seja cometida uma falta (PITOLLI, 2008). É, portanto, uma ação técnico-tática na qual o marcador poderá ficar com ou sem a posse da bola (SANTANA, 2006) e com contato direto com o adversário.

Para Ferretti (2011), atualmente os sistemas de defesa valorizam mais os conceitos de desarme do que o acompanhamento do adversário. Destaca, ainda, que a eficiência da defesa é diretamente proporcional à agressividade do atleta marcador para tentar roubar a bola do adversário. O desarme eficiente impede a sequência do ataque e, ao recuperar a posse de bola, permite iniciar um contra-ataque ou um ataque (SANTANA, 2004).

Os tipos de marcação serão abordados no capítulo sistemas defensivos.

FUNDAMENTOS TÉCNICOS DO JOGADOR DE FUTSAL – GOLEIRO

Para Fonseca (2001), o goleiro se distingue dos demais jogadores por possuir características próprias. Conforme Mutti (2003), ele é o único jogador que não pode falhar, pois seu erro é fatal. Por isso, deve merecer uma atenção especial, um treinamento especializado e à parte, a fim de dar a ele condições exigidas pela sua posição e compatíveis à sua responsabilidade.

Velocidade de reação

Segundo Fonseca (2001), o tempo de reação do goleiro de futsal é sua capacidade física mais importante. Para Benda, Xavier e Martini (2002), tempo de reação é o intervalo de tempo entre um estímulo não antecipado (repentinamente apresentado) e a resposta.

Velocidade de reação é a velocidade com que o jogador é capaz de responder a um estímulo (visual, auditivo ou sinestésico) – desde a percepção do estímulo até o início do movimento, ou seja, para os goleiros, é o tempo de reação desde a percepção do chute até a realização da ação de defesa.

Posicionamento

Para Fonseca (2001), o goleiro deve se posicionar em frente à linha do gol, com os braços flexionados, as mãos abaixo da linha da cintura e as pernas afastadas uma da outra. Essa posição deve ser confortável, para não interferir em sua concentração durante o jogo, e possuir um traçado imaginário entre a bola e a trave, para reduzir o ângulo de finalização do adversário.

O bom posicionamento do goleiro é fundamental para a execução das defesas, minimizando o tempo dispendido para reação em determinadas situações de uma partida. Isso é definido em detrimento da situação do jogo.

O goleiro também deve observar o posicionamento dos pés, evitando cruzá-los ou tocá-los em seus deslocamentos. Em situações de defesa, o goleiro deverá se posicionar na ponta dos pés para reagir com mais velocidade.

Figura 1 - Posicionamento do goleiro: vista frontal

Figura 2 - Posicionamento do goleiro: fechando ângulo

Lançamentos

Para Voser (2001), lançamento é o ato do goleiro para recolocar a bola em jogo manualmente, procurando encontrar um companheiro de equipe ou um setor específico da quadra.

Mutti (2003) os classifica em: **por cima**, quando o goleiro coloca uma perna atrás e a outra à frente do corpo e este está em contraposição à mão que realizará o lançamento. O braço de lançamento deverá estar flexionado com a bola à altura do ombro. No lançamento, o tronco deve realizar uma leve rotação, com uma leve flexão das pernas, ocasionando uma mudança da altura da saída da bola. Já na técnica de lançamento **por baixo** a posição das pernas deve ser igual ao lançamento por cima, porém o joelho da perna de trás deve quase tocar o chão e o braço de lançamento que está estendido deve realizar uma extensão e, posteriormente, uma flexão de ombro, soltando, assim, a bola próxima ao chão.

Figura 3 - Lançamento por cima

Figura 4 - Lançamento por baixo

Pegadas

Para Voser (2001), pegada é o posicionamento básico das mãos que possibilita exercer as ações de defesa da bola quando chutada, passada ou arremessada nos diferentes planos.

Segundo Mutti (2003), para sua realização, as mãos do goleiro devem ter o formato de uma concha, proporcionando mais contato com a bola. Os dedos devem comprimir a bola e a posição dos polegares – quando a bola for alta, tais dedos devem ficar para dentro; quando for rasteira ou baixa, devem estar voltados para fora. Ao recebê-la, o goleiro deve realizar um recuo dos braços para o amortecimento da bola e, posteriormente, trazê-la junto ao corpo, evitando uma possível

escapada. Igualmente, é importante a movimentação de um pé para trás para proporcionar melhor equilíbrio da ação.

Figura 5 - Posição das mãos para a pegada na bola

Para Fonseca (2001), as pegadas se classificam em: **alta** (quando a bola que vem acima da linha do peito, sendo que ela deve ser recebida com os polegares para dentro e os braços formando um triângulo); **média** (abaixo da linha do peito, a qual é realizada com os polegares para fora e os braços flexionados. Outra possibilidade é encaixar a bola com os braços flexionados junto ao corpo e os antebraços e as mãos realizando um encaixe); **rasteira ou baixa** (o goleiro deve flexionar as pernas encostando o joelho no pé da outra perna e realizar a pegada com os polegares para fora).

Figura 6 - Pegada alta

Figura 7 - Pegada média

Figura 8 - Pegada baixa

Os erros mais comuns na realização das pegadas são: virar o rosto no momento de realização da defesa (perder o contato visual com a bola); braços estendidos à frente do corpo; polegares afastados atrás da bola; dedos e punhos flexionados; pernas mal posicionadas na busca do equilíbrio do corpo. Da mesma maneira, os erros mais comuns na realização das defesas baixas são: não deslocar o centro de gravidade para o lado da queda; não colocar o joelho ou outra parte do corpo atrás das mãos no momento da pegada.

Quedas

Para Mutti (2003), as quedas laterais ou os saltos são executados com o objetivo de colocar o corpo em uma posição favorável à defesa em bolas fora do seu alcance. Para realizar a **queda lateral**, o goleiro, partindo da posição básica, inclina lateralmente o corpo, flexionando as pernas e, em seguida, estende os braços, direcionando as mãos na trajetória da bola para realizar a pegada de maneira que a mão correspondente ao lado da queda impeça a passagem da bola e a outra venha por cima, para abafar e completar a pegada com segurança e firmeza.

No **salto**, a impulsão deve ser iniciada com a perna do lado onde vai a bola. O corpo se estira para o lado em um voo,

estendendo os braços com as palmas das mãos voltadas para a bola, a fim de agarrá-la. Após o salto, o contato com o solo é feito com a parte externa da coxa e a parte traseira do ombro é precedida por um leve apoio do antebraço no solo. A perna que realiza o contato com o solo deve estar ligeiramente flexionada, enquanto a outra permanece estendida.

Defesas mais comuns no futsal

Defesa sem queda: é o fundamento técnico no qual o goleiro utiliza para desviar a trajetória da bola que foi chutada contra seu gol. Se o goleiro mantiver sempre um bom posicionamento no gol e se deslocar rapidamente com a bola, quando ela estiver em posse dos adversários, evitam-se as quedas durante o jogo (FONSECA, 2001).

Defesa com queda baixa: são todas as defesas exercidas abaixo da linha da cintura e fazem parte as caídas laterais, as encaixadas de bola e os recursos utilizados com os pés (VOSER, 2001).

Figura 9 - Defesa com queda baixa

Defesa com queda média: é considerada média uma bola que venha de um ponto aproximado das canelas até a cabeça do goleiro (GOMES; MACHADO, 2001).

Figura 10 - Defesa com queda média

Defesa com queda alta: é utilizada para a bola que venha acima da cabeça, podendo ser frontal ou lateral (GOMES; MACHADO, 2001).

Figura 11 - Defesa com queda alta

Defesa com queda com os pés: é um recurso para a defesa do chute do adversário. A defesa com o pé acontece, geralmente, em situações nas quais o goleiro está em desequilíbrio ou deslocamento. Esse tipo de defesa ocorre também em chutes rasteiros e de curtíssima distância (FONSECA, 2001).

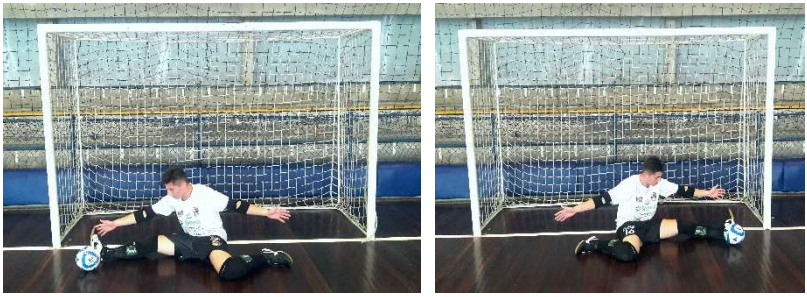


Figura 12 - Defesa com queda com os pés

Cobertura: situação na qual o goleio necessita sair da área para jogar com os pés, de modo a evitar o adversário (FONSECA, 2001).

Saída fechando ângulo: é a saída do gol procurando ocupar a bissetriz do ângulo formado pela bola e os postes da meta, tanto no plano horizontal quanto no plano vertical (VOSER, 2001).

Figura 13 - Saída fechando ângulo

Saída arrastada: o goleiro deve projetar o corpo à frente e em direção ao chutador, com os dois joelhos no chão, fazendo com que haja um deslizamento corporal (GOMES; MACHADO, 2001).

Figura 14 - Saída arrastada

Tanto a saída de ângulo quanto a saída arrastada, geralmente, ocorrem quando acontece um ataque da equipe adversária dentro da área penal. Para Fonseca (2001), essas saídas têm como objetivo fazer com que o atacante tenha diminuído seu ângulo de chute para não conseguir chegar à meta. São realizadas em direção à bola, proporcionando, assim, um "aumento" do tamanho do goleiro.

As saídas do gol realizadas pelo goleiro também podem ser utilizadas com a finalidade de impedir ou retardar a conclusão do adversário, possibilitando o retorno de defesa.

Kunze, Schlosser e Brancher (2016a) realizaram um estudo com o objetivo de analisar as técnicas de defesa mais utilizadas pelo goleiro durante o jogo em relação aos setores da quadra que ocorrem as finalizações. Para realizá-lo, os autores analisaram 13 jogos do Campeonato Catarinense de Futsal 2012, utilizando um *scout* adaptado de D'Ávila et al. (2002), considerando apenas as finalizações que acertaram em gol, em que o goleiro realizou alguma defesa ou ocorreu o gol.

Utilizaram como referências as seguintes técnicas de goleiro: quedas (altas, médias, baixas e com os pés) e quatro outras defesas (sem queda, saída fechando o ângulo, arrastada e cobertura), totalizando oito ações técnicas defensivas. Nos jogos analisados, aconteceram 170 finalizações corretas, com 31 gols sofridos e 139 ações defensivas.

Quadro 1 - Ações defensivas x setor de finalização

Local	Q. Alta	Q. Média	Q. Baixa	Q. Pé	Sem Q.	Cobertura	Arrastada	Ângulo
1	0	0	1	3	3	1	2	3
2	0	1	0	3	4	2	3	0
3	1	1	3	5	12	3	0	2
4	0	4	4	3	10	3	2	0
5	1	1	0	0	1	4	1	0
6	0	3	0	1	5	2	0	1
7	0	0	2	3	0	1	0	0
8	0	0	0	0	4	1	1	0
9	0	0	0	0	4	0	0	0
10	0	2	0	1	4	0	0	0
11	0	3	1	0	2	1	0	0
12	1	1	2	1	3	1	0	0
13	0	0	0	1	0	0	0	0
Total:	3	16	13	21	52	19	9	6

Fonte: Kunze, Schlosser e Brancher (2016a)

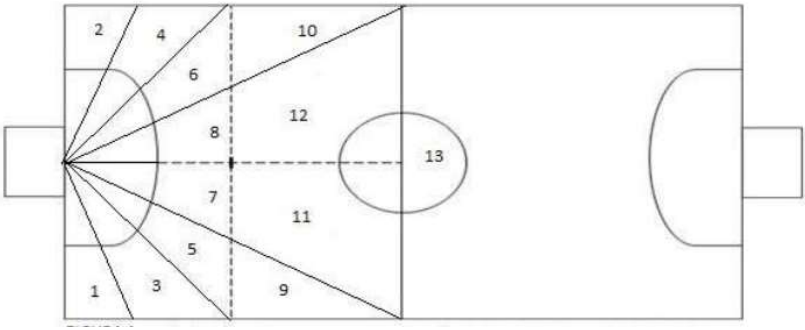


Figura 15 - Setores da quadra
Fonte: Kunze, Schlosser e Brancher (2016a)

Para Kunze, Schlosser e Brancher (2016a), entre as defesas com necessidade de intervenção em queda, a técnica de defesa mais executada foi a queda com o pé, sendo efetuada em 15,11% dos casos, seguida pelas saídas em cobertura, executadas 19 vezes nas 13 partidas, perfazendo uma média de aproximadamente 1,5 coberturas por partida. As quedas média e baixa também ocorreram com valores a serem considerados, pois, somadas, ultrapassaram 20% – levando-se em conta que dividiram espaço de execução com a queda com o pé, sendo uma variável dependente da trajetória da bola e as preferências e necessidades do goleiro em questão.

Os autores constataram ainda que as saídas arrastadas e ângulo apontam possíveis falhas na marcação da equipe e/ou

rápidos contra-ataques, que criam situações de 1 x 1 entre atacante e goleiro, exigindo que o goleiro saísse rapidamente do seu ponto-base para uma rápida intervenção, fechando o ângulo do jogador e diminuindo o risco de gol inerente. A cobertura aconteceu em 13,67% do total de ações defensivas.

Do total de coberturas, 89,47% foram realizadas no raio de ação entre a linha de fundo e a marca dos dez metros, nos oito primeiros setores de finalização. O local com a maior utilização da cobertura foi o setor 5, o que indicou uma ligação entre o posicionamento dos jogadores na função de pivô, na maioria dos casos destros, que se colocavam de costas ao gol do adversário, geralmente ao lado direito da meta oposta, para, ao receber a bola e realizar o giro para o centro da quadra, ficar com a perna dominante em melhores condições de finalização.

Quadro 2 - Técnicas defensivas executadas

Técnica Defensiva	Número de Ações	Porcentagem
Queda Alta	3	2,16%
Queda Média	16	11,51%
Queda Baixa	13	9,35%
Queda com o Pé	21	15,11%
Sem Queda	52	37,41%
Cobertura	19	13,67%
Arrastada	9	6,47%
Saída ângulo	6	4,32%

Fonte: Kunze, Schlosser e Brancher (2016a

Dessas ações, a técnica mais utilizada foi a sem queda, com 37,41% do total, e queda com os pés, totalizando 15,11%. Com o maior número de finalizações, vieram os setores 3, com 15,88%, e 4, com 16,47%. Porém, o maior índice de gols foi nos setores de finalização 1 e 2, somando juntos 29,03% de todos os gols sofridos pela equipe.

Funções ofensivas do goleiro

O goleiro também pode ser utilizado para compor o sistema ofensivo da equipe. Além das características de defesa, o goleiro no futsal moderno faz parte das ações ofensivas, tornando-se o quinto jogador de linha que auxilia no ataque. Segundo Aires (2011), atualmente o goleiro apresenta tanto importância defensiva quanto ofensiva, auxiliando a equipe nas armações de jogadas. Para Tenroller (2004), cada vez mais o goleiro assume funções que antes não eram suas atribuições.

Conforme Simões (2006), a utilização do goleiro como um jogador de linha é uma evolução da modalidade surgida após as mudanças das regras, na década de 1990, e proporciona a esse jogador uma participação ofensiva, além da defensiva que já possuía.

A utilização do goleiro linha no futsal vem sendo empregada em equipes que se encontram em inferioridade no placar, para que possam chegar com mais facilidade ao gol (SAAD; COSTA, 2001). Ele também pode ser utilizado como um recurso adicional em situações eventuais, principalmente quando possui boa qualidade de passe e conclusão, tornando-se imprescindível para aumentar a superioridade numérica de jogadores sobre a equipe oponente, facilitando a busca de espaços na defesa adversária.

As maneiras para a utilização do goleiro linha serão discutidas no capítulo que aborda os sistemas de jogo.

QUALIDADES NECESSÁRIAS À FUNÇÃO DO JOGADOR DE FUTSAL

Para Voser (2001), no futsal os jogadores não guardam posições específicas na quadra, sendo que todos devem saber atacar e defender, utilizando ainda a expressão jogador universal. Destaca que os jogadores realizam inúmeros deslocamentos e trocas de setores no decorrer da partida. O fundamental não é a distribuição dos jogadores em cada posição, e sim o entendimento da dinâmica para criar permanentes situações de vantagem numérica ou posicional nas zonas de disputa de bola, seja em ações defensivas ou ofensivas. Contudo, o autor destaca ainda que, de maneira geral, o futsal possui posições básicas de atuação no decorrer do jogo que devem ser observadas em função de suas características.

Segundo Tenroller (2004), os atletas de futsal devem possuir algumas características físicas, técnicas, táticas e psicológicas conforme a função que desempenham na partida. Listamos, a seguir, esses atributos, de acordo com Tolussi (1982), Lucena (2001), Andrade Junior (1999), Fonseca (2001), Voser e Giusti (2002) e Tenroller (2004).

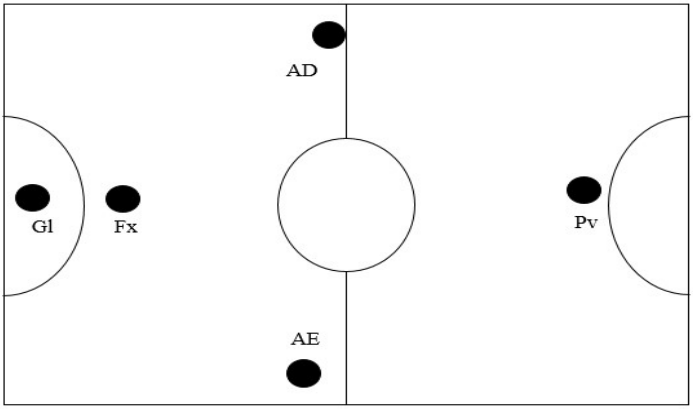


Figura 16 - Nomenclatura e posição dos atletas em quadra.
Legenda: Gl – Goleiro. Fx – Fixo ou central. AE – Ala esquerda. AD – Ala direita. Pv – Pivô.

Goleiro

Tem como principal função impedir o gol adversário, sendo que ele pode atuar com os pés e as mãos dentro de sua área de defesa e fora dela com os pés, respeitando as particularidades da regra para sua atuação.

Características físicas: altura ideal entre 1,70 e 1,85, agilidade, flexibilidade, equilíbrio, coordenação, impulsão, velocidade de reação.

Características técnicas: pegada, habilidade com as mãos, queda e rolamento, reposição e lançamento com as mãos, passe, chute.

Características táticas: bom posicionamento, antecipação, saída do gol, entrosamento com a defesa, reposição rápida de bola, armação de jogadas com o pé e a mão.

Características psicológicas: liderança, coragem, controle emocional, atenção, concentração, tranquilidade, iniciativa.

Central/Fixo

É o jogador com maiores características de marcação. Normalmente, se posiciona como último jogador do sistema defensivo adotado, sendo encarregado de desarmar as jogadas dos adversários e orientar os demais jogadores quanto ao seu posicionamento. Contudo, atualmente, participa da criação de jogadas e da movimentação ofensiva da equipe.

Caraterísticas físicas: altura entre 1,70 e 1,85, boa condição física, agilidade, impulsão, força, coordenação, velocidade de reação.

Características técnicas: antecipação, marcação, desarme, cobertura, bom chute de longa distância, passe, cabeceio, capacidade para distribuição de jogo.

Características táticas: colocação, entrosamento com o goleiro, noção de cobertura, domínio da antecipação, saber usar o corpo, noção de ocupação de espaço.

Características psicológicas: liderança, coragem, controle emocional, tranquilidade, decisão, determinação, iniciativa.

Alas

Tanto o direito quanto o esquerdo são responsáveis pela movimentação ofensiva de sua equipe e armação das jogadas. Devem se deslocar constantemente, com ou sem a bola, e em conjunto com o pivô (e muitas vezes com o central), devendo criar situações para finalizar ao gol do adversário. Sempre que possível, as equipes possuem jogadores destros e sinistros que jogam em posições invertidas (ala direito no lado esquerdo e ala esquerda no lado direito), para facilitar a finalização e proteção da bola. Além da participação no sistema ofensivo, devem atuar no sistema defensivo.

Características físicas: altura ideal entre 1,65 e 1,75, possuir agilidade, grande capacidade física, coordenação, força, velocidade.

Características técnicas: drible, passe, deslocamentos, condução, chute, marcação e cobertura.

Características táticas: armação de jogadas, utilização de espaços vazios da quadra, coberturas, ataque e defesa, boa finalização, criatividade, visão de jogo.

Características psicológicas: coragem, combatividade, controle emocional, agressividade, determinação, iniciativa.

Pivô

Caracteriza-se por ser o jogador com atuação mais ofensiva e, muitas vezes, é quem tem mais poder de finalização. Por vezes, é responsável pela preparação das jogadas para a finalização dos alas ou central. Pode ser utilizado de duas maneiras: de referência (com menor movimentação, normalmente posicionado em frente ao central adversário ou em suas costas) ou de movimentação (desloca-se pela quadra). Em ambas as situações, devem ser criadas oportunidades para seu chute ao gol ou sua preparação de jogada para os demais jogadores. Contudo, há necessidade de ser um exímio marcador e possuir todas as características de um bom marcador.

Características físicas: altura ideal entre 1,75 e 1,85, agilidade, força, equilíbrio, impulsão, velocidade de reação.

Características técnicas: assistência, controle de bola, cabeceio, drible, finalização, passe, recepção, finta, deslocamento lateral, capacidade de antecipação, domínio de costas para o gol, drible de costas para o gol (giro para o lado direito e esquerdo), proteção de bola, chute em pequenos espaços.

Características táticas: posicionamento, criar espaços, servir os companheiros, primeiro combate, movimentação, conclusão.

Características psicológicas: decisão, determinação, coragem, personalidade, agressividade.

O ideal é a junção de todas as qualidades em um único jogador, que poderá desempenhar qualquer função em quadra, se caracterizando como polivalente, ou seja, embora possua sua preferência de posicionamento, sabe desempenhar todas as funções em quadra.

TÁTICA DE JOGO

Para Zilles (1987), tática é a arte de combinar a ação individual de cada atleta em suas diferentes posições, de modo a obter o máximo rendimento no decorrer de uma partida. Conforme Mutti (1994), ela é uma forma racional e planejada de aplicar um sistema ou vários esquemas táticos, a fim de combinar o jogo de ataque e defesa, tirando proveito de todas as circunstâncias favoráveis à partida, com o objetivo de dominar o adversário e conseguir a vitória.

Segundo Tenroller (2004), é a maneira pela qual os sistemas são aplicados para combinar o jogo de mecanismos de ataque e defesa, aproveitando todas as chances, com o objetivo de dominar, explorar e neutralizar a falha potencial para alcançar a vitória.

Para Santana (2004), refere-se ao elemento inteligente do jogo e pode ser ofensiva ou defensiva. O autor define alguns elementos da tática, como: **sistemas de jogo** (posicionamentos que a equipe adota para atacar e defender), **manobras** (movimentações da equipe em quadra), **padrão de jogo** (repetições de troca de passe com a finalidade de manter a posse de bola) e **contra-ataque** (utilizado após uma roubada de bola).

Diversos fatores a influenciam. Andrade Junior (1999) enumera a disposição tática de uma equipe em quatro pontos: sistema de jogo; adversários; local dos jogos; estratégia traçada para um jogo ou uma competição.

Voser (2001) destaca que, para a tática ser eficaz, é necessário ajustá-la às condições físicas, técnicas e psicológicas dos jogadores da equipe, bem como sua experiência tática. Ressalta que não deve ser rígida e deve se moldar às situações imprevistas que poderão aparecer durante a partida.

SISTEMAS

Para González e Fraga (2012), sistemas de jogo correspondem a uma forma organizada que articula e ordena as ações dos jogadores, mantendo a estrutura do jogo no ataque, defesa e transição (contra-ataque ou retorno defensivo).

Como citado anteriormente por Santana (2004), os sistemas são posicionamentos que a equipe adota para atacar e defender. É a distribuição ordenada dos jogadores de uma determinada equipe em quadra, com o objetivo de facilitar a aplicação das diferentes manobras, sejam elas ofensivas ou defensivas. Existem basicamente, portanto, dois tipos de sistemas: os **ofensivos** e os **defensivos**.

SISTEMAS OFENSIVOS

O sistema de jogo representa a base de formação da equipe e tem como objetivo chegar ao gol adversário por meio de manobras preestabelecidas. Possui uma relação direta com as manobras e os padrões de movimentação utilizados pela equipe.

Os sistemas ofensivos ou sistemas de ataque são citados por diversos autores e basicamente são constituídos pelas

seguintes formações: 2x2, 2x1x1, 1x2x1, 3x1, 1x3, 4x0, 1x2x2, 2x2x1. Porém, com a dinâmica do futsal moderno, vários dos sistemas citados não são aplicados no alto rendimento ou são apenas utilizados em determinadas situações do jogo.

Os sistemas, normalmente, são utilizados a partir de três desenhos básicos de posicionamento: o quadrado, o losango e a linha quando utilizamos somente os jogadores de linha, porém esses desenhos sofrem alteração quando utilizamos o goleiro como jogador ofensivo.

Sistema de jogo partindo do desenho quadrado

Sistemas 2x2

Para Mutti (2003), o sistema 2x2 é o mais simples. Utiliza dois jogadores na defesa e dois jogadores no ataque. Por ser de fácil assimilação, é utilizado nas categorias de iniciantes. Para Voser (2001), esse sistema é muito utilizado quando a equipe está em superioridade numérica contra o adversário em detrimento de uma expulsão. O autor afirma que pode ser empregado por equipes que estão à frente no placar, próximo ao fim do jogo e se estão com dificuldade em realizar passes. Dessa forma, pode-se fazer a transferência direta da bola por meio de lançamento do goleiro.

Esse sistema pode ser considerado como precursor de outros sistemas, tais como o 3x1 e o 1x3, pois, quando um atacante recua para ajudar na defesa, se transforma em 3x1, e quando um defensor avança para ajudar no ataque, passa a ser 1x3.

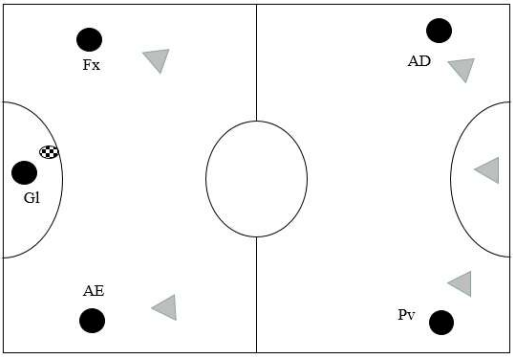


Figura 17 - Sistema 2x2

Utilização do sistema 2x2 contra equipe em desvantagem numérica.

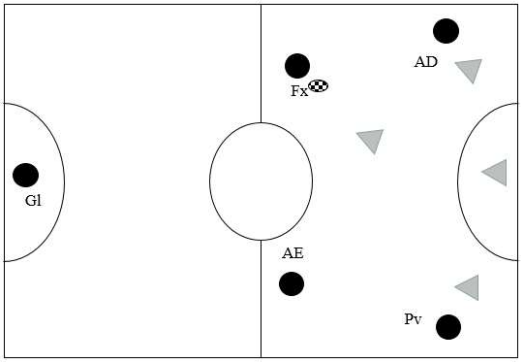


Figura 18 - Sistema 2x2 em equipe com superioridade numérica

Sistemas 2x1x1

Embora diversos autores descrevam que o sistema 2x1x1 é relativamente simples e de fácil aprendizagem, constituído de dois jogadores na defesa – sendo um de cada lado da quadra (os alas direito e esquerdo) –, um jogador no meio da quadra e um quarto jogador – que se localiza avançado perto da área adversária (o pivô) –, entendemos que esse posicionamento não se caracteriza como um sistema de jogo, e sim é utilizado pelas equipes nas saídas de reposição de bola realizado pelo goleiro.

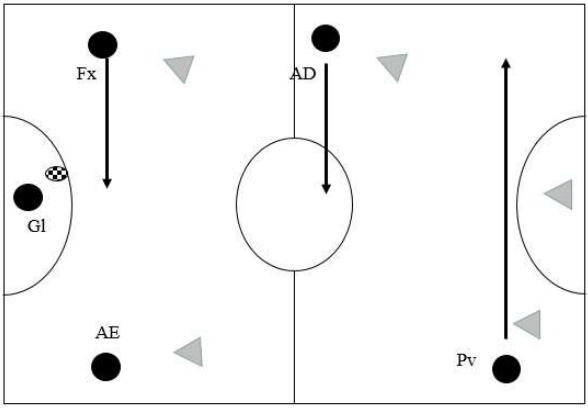


Figura 19a - Sistema 2x2x1

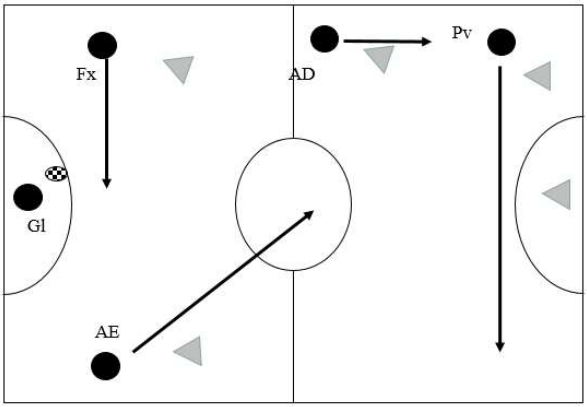


Figura 19b - Sistema 2x2x1

Sistema de jogo partindo do desenho losango

Sistema 3x1

Para Voser (2001), o sistema 3x1 é o mais utilizado no futsal, pois possui muitas possibilidades de variação e de jogadas ensaiadas. O autor destaca que sua principal vantagem é favorecer a armação de jogadas e ter sempre cobertura e balanço defensivo, porém apresenta como desvantagem a necessidade de preparação física compatível com a movimentação realizada.

Possui um jogador central ou fixo na frente de sua área defensiva, dois jogadores abertos pelas alas – que tanto auxiliam na defesa quanto no ataque – e um pivô, que se posiciona um pouco mais adiantado do que os alas.

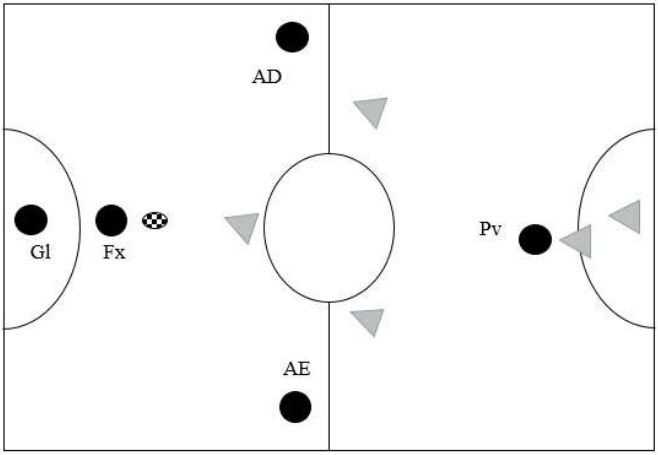


Figura 20 - Sistema 3x1

Os sistemas 1x3 e 1x2x1 são variações do sistema 3x1. Apresentam da mesma forma um jogador central (fixo), dois alas (AE, AD) e um pivô. O sistema 1x2x1 também pode ser utilizado nas categorias iniciais, pois apresenta menos movimentação e servirá como referência posicional para início dos padrões de movimentação utilizados no 3x1. O sistema 1x3 é o posicionamento da marcação adiantada, marcando o adversário sob pressão na saída de bola.

Sistema de jogo partindo do desenho linha

Sistema 4x0

Para Voser (2001), o sistema 4x0 é considerado o mais atual, pois coloca os quatro jogadores na parte defensiva da quadra de jogo, possibilitando investidas rápidas no espaço vazio criado na quadra de ataque. Possibilita às equipes grande movimentação, alternando o posicionamento de seus jogadores constantemente, o que dificulta a marcação pelas equipes adversárias. O autor destaca a necessidade de todos os jogadores possuírem grande habilidade com a bola, bom passe e, sobretudo, capacidade de movimentação sem a bola. Devido à sua complexidade, a utilização desse sistema fica mais restrita a equipes de alto nível.

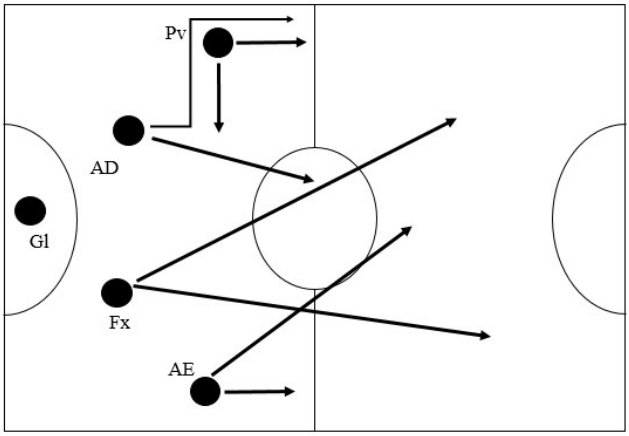


Figura 21 - Sistema 4x0

Sistema de jogo utilizando o goleiro

1x2x2 goleiro linha

A utilização do goleiro como jogador de linha é uma constante no futsal, principalmente quando a equipe está em desvantagem no placar nos minutos finais da partida. Para Voser (2001), esse sistema se caracteriza pela utilização do goleiro como jogador de linha, integrando-se aos demais atletas de linha (respeitando suas limitações de jogo estabelecidas pela regra), com o objetivo de obter superioridade numérica.

Em detrimento de sua característica ofensiva, esse sistema, normalmente, conduz a equipe adversária à realização de marcação por zona na meia-quadra defensiva. Pode ser realizado utilizando o goleiro no centro da quadra ou em uma das laterais, ou ainda utilizando um atleta de linha na função de goleiro (é importante observar as regras do jogo quanto ao uniforme para essa substituição).

A principal desvantagem desse sistema é a total falta de cobertura, pois se a bola for recuperada pela equipe adversária, a meta ficará desguarnecida. Esse sistema também é conhecido como 3x2 ou 5x0.

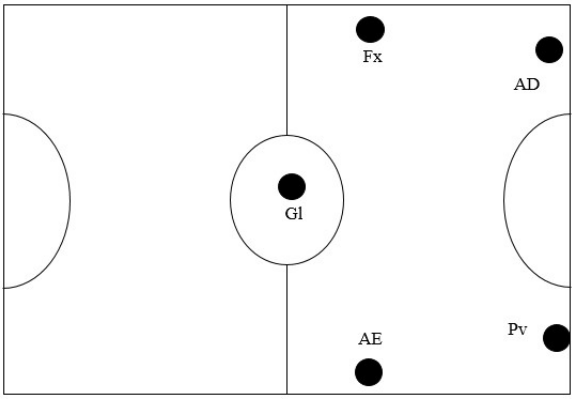


Figura 22 a - Sistema 1x2x2

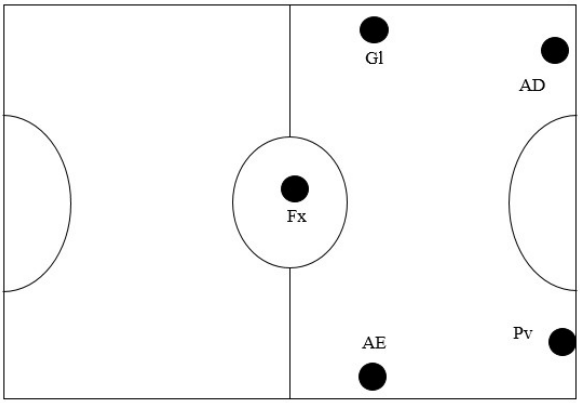


Figura 22 b - Sistema 1x2x2

2x2x1 ou 2x3 goleiro linha

Esse sistema também utiliza o goleiro como jogador de linha e apresenta as mesmas vantagens e desvantagens do 1x2x2. A principal diferença é a colocação de dois jogadores

relativamente centralizados na quadra. Isso é feito para quebrar a marcação da equipe adversária quando não se está conseguindo êxito no posicionamento anterior.

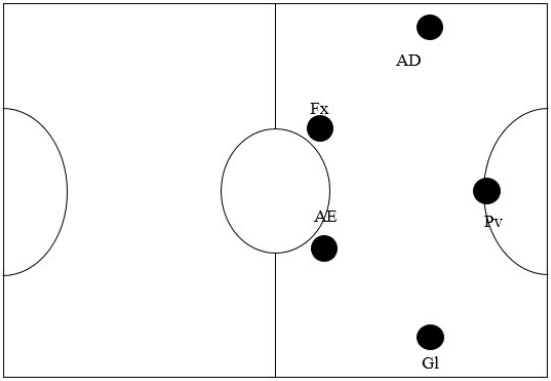


Figura 23 - Sistema 2x2x1 ou 2x3

PADRÕES DE MOVIMENTAÇÃO OU PADRÕES DE JOGO

Segundo Mutti (2003), o padrão de jogo se configura em diversas formas de movimentação dos atletas, situação em que ocorre a troca de posições de modo planejado e organizado, no intuito de confundir a marcação adversária e provocar erros em seu sistema defensivo, visando a infiltração na defesa contrária em busca de melhores condições para a finalização em gol.

Conforme Santana (2004), refere-se a uma movimentação repetitiva na qual a equipe executa, dentro de cada sistema, quando está em posse de bola. Um padrão de jogo bem organizado faz com que a equipe mantenha a posse de bola, criando uma situação favorável para as finalizações. Possibilita a troca de passes em zonas da quadra que não ofereçam riscos de perda da posse, bem como deslocamentos dos atletas em zonas da quadra que mantenham um equilíbrio defensivo e ofensivo, além de ajudar a determinar as zonas de infiltração.

Santana (2004) ainda completa que o padrão de jogo possui como objetivos procurar um melhor posicionamento dos atletas da equipe para executar uma jogada ensaiada, ou ainda

abrir espaços na quadra para uma infiltração e, com as movimentações, sair da marcação e pressão dos adversários.

Para Voser (2001), os treinadores buscam desenvolver em suas equipes uma mecânica de jogo (padrão de movimentação) que possibilite, a partir desta, uma série de alternativas para que se possa ludibriar o sistema defensivo da equipe adversária.

Segundo Mutti (2003), existem vários padrões de jogo em função dos sistemas empregados pelas equipes. Esses padrões envolvem movimentos de circulação laterais ou diagonais, contando ou não com a participação do goleiro. O autor cita alguns exemplos dos padrões de jogo mais utilizados: padrão roda, em oito, oito por trás, pelo meio, oito invertido, cruzado, em “x”.

Para a utilização de padrões de movimentação, a equipe necessita de um posicionamento definido em quadra, caso contrário não se caracteriza como padrão de movimentação, e sim de jogadas preestabelecidas ou manobras efetuadas pela equipe. Eles normalmente são utilizados a partir de três desenhos básicos de posicionamento: o quadrado, o losango e a linha.

Padrão de movimentação partindo do desenho quadrado (sistema 2x2 e suas variações)

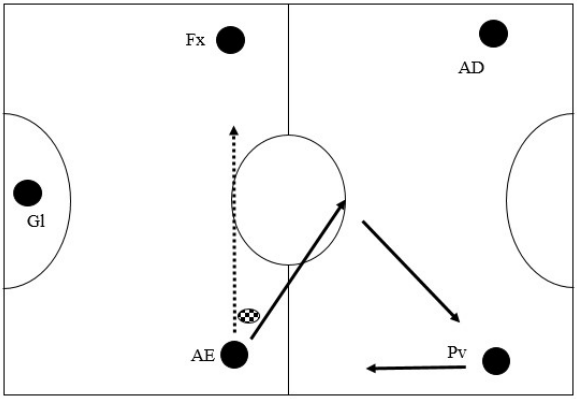


Figura 24 - Padrão de movimentação troca paralela à linha lateral

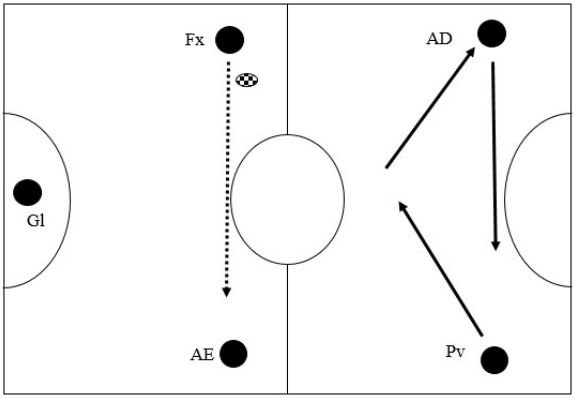


Figura 25 - Padrão de movimentação troca paralela à linha de fundo

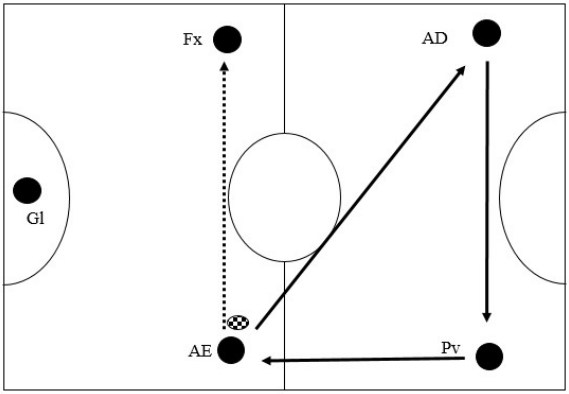


Figura 26 - Padrão de movimentação troca na diagonal

Esses padrões de movimentação, normalmente, são utilizados pelas equipes iniciantes de faixa etária compreendida até sub 15. Porém, nas categorias adultas, é amplamente utilizada quando é empregado o goleiro linha, por se tratar de uma boa formação para atacar.

Padrão de movimentação partindo do desenho losango

Por padrão losango, entende-se os sistemas 3x1, 1x2x1 e 1x3, pois utilizam o mesmo desenho tático em quadra, variando apenas o local da quadra onde será utilizado.

Padrão de movimentação circular (redondo)

É muito utilizado para posicionar a defesa adversária de acordo com o interesse da equipe. Geralmente, é utilizado para tirar da defesa um bom marcador e posicionar um adversário mais frágil na marcação, ou mesmo para posicionar um jogador atacante com características que levem vantagens contra a defesa adversária. Caracteriza-se pela movimentação circular dos atletas, na quadra de jogo, podendo ser usado nos sentidos horário e anti-horário. Para tanto, todos os atletas deverão ter total domínio de passes com ambos os pés.

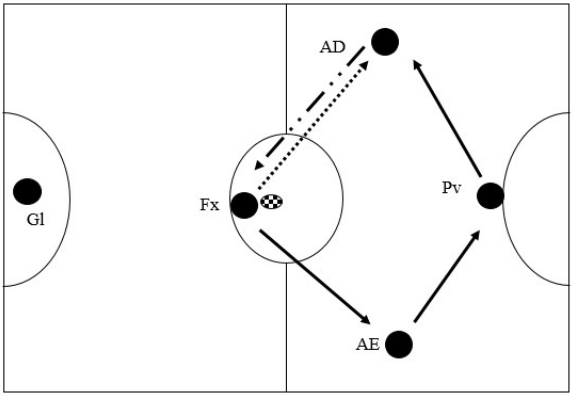


Figura 27 - Padrão de movimentação redondo

Padrão de movimentação em oito

O sistema rodízio de três se configura com três jogadores colocados em sua parte defensiva da quadra e um jogador no ataque ou, dependendo da marcação adversária, poderá ser realizado na metade da quadra, ou ainda parcial ou inteiramente na quadra de ataque. Esse sistema se caracteriza pela movimentação dos três jogadores de defesa, fazendo uma sucessiva troca de posições entre o fixo e os alas.

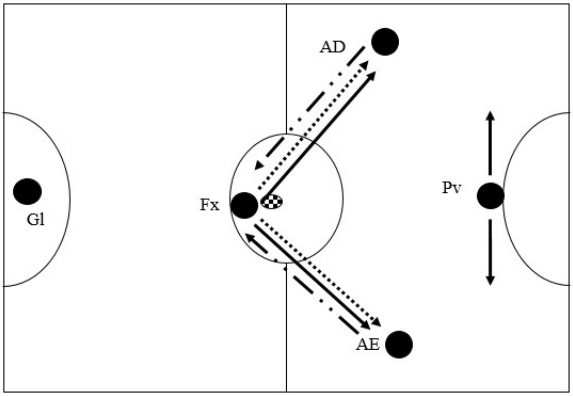


Figura 28 - Padrão de movimentação em oito

Padrão de movimentação em oito invertido

Também é um sistema de rodízio com três jogadores, porém se caracteriza pela movimentação dos três jogadores de

ataque, fazendo uma sucessiva troca de posições entre os alas e o pivô.

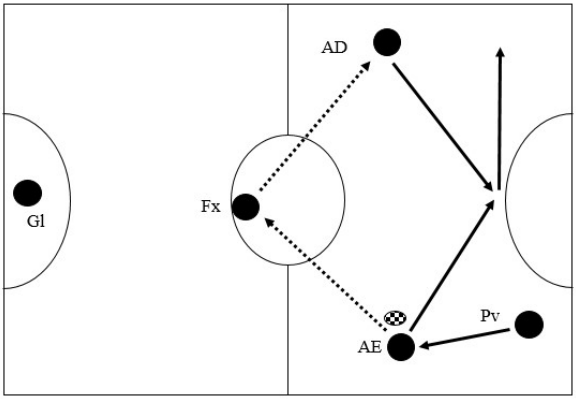


Figura 29 - Padrão de movimentação em oito invertido

Padrão de movimentação na diagonal oposta ao passe (x)

Os padrões de movimentação diagonal oposta ao passe (x) e o padrão diagonal do passe se caracterizam por serem um rodízio com quatro jogadores. A diferença entre os dois padrões é a direção na qual o jogador que efetuou o passe se deslocará. Essas diferenças podem ser utilizadas para a realização de manobras ou jogadas preestabelecidas, buscando a finalização.

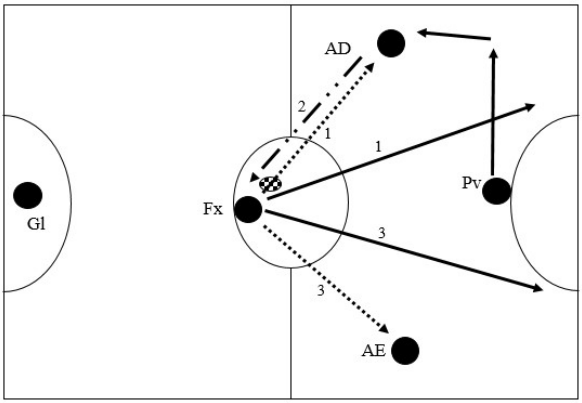


Figura 30 - Padrão de movimentação na diagonal oposta ao passe (x)

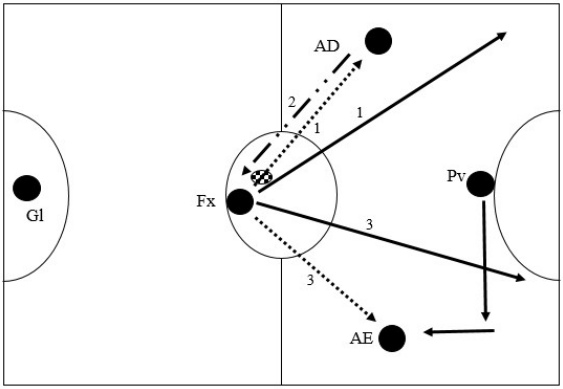


Figura 31 - Padrão de movimentação na diagonal do passe

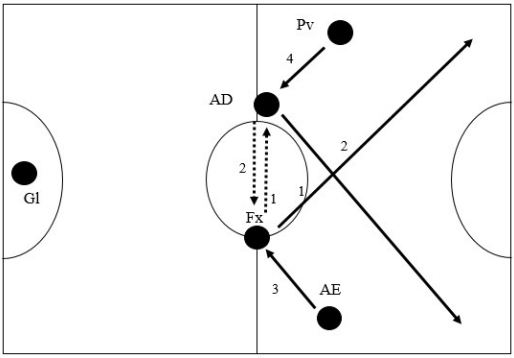
Padrão de movimentação partindo do desenho em linha 4x0 ou quatro em linha

Também se caracteriza por ser um sistema com rodízio de quatro jogadores. É utilizado em situações táticas, que exigem uma grande movimentação dos jogadores, podendo ser realizado tanto pelo meio da quadra quanto pelas alas. Quando realizado na quadra de defesa e sob forte marcação individual, cria espaços vazios na quadra adversária que podem ser utilizados para saídas rápidas e muito eficientes.

Toda movimentação realizada por quatro jogadores (tanto em linha quanto em losango) permite a realização de troca de passe mais eficientes, o que dificulta a defesa da equipe adversária devido à grande movimentação, pois tanto a bola quanto os jogadores estão em constate movimentação. É uma excelente opção para a manutenção da posse de bola, para a criação e ocupação de espaços na quadra, bem como uma forma de sair da marcação sobre pressão, pois dificulta a cobertura da equipe adversária.

Devido à constante movimentação realizada pelos jogadores, é necessário um excelente condicionamento físico. Também há a necessidade de todos os jogadores serem muito

ágeis e bons tecnicamente, além de possuírem grande compreensão do jogo.



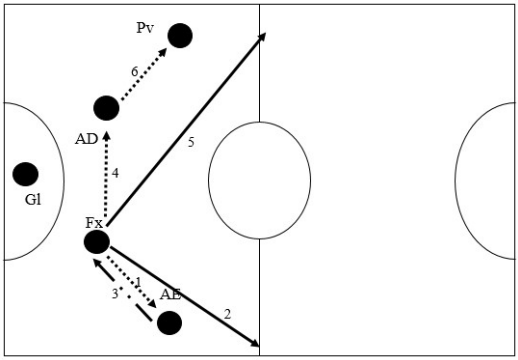


Figura 32 - Padrão de movimentação a partir do 4x0

Manobras

Para Apolo (2004), manobras são estratégicas definidas a partir dos sistemas e padrões de jogo adotados por uma equipe. Funcionam como combinações inerentes à formação adotada

pela equipe e se desenvolvem mediante a sincronização de movimentos e passes preconcebidos, visando criar oportunidades de jogo sem, no entanto, abrir mão do equilíbrio defensivo.

Também podem ser definidas como ações individuais ou coletivas aplicadas nos diferentes sistemas de jogo com a finalidade de conseguir uma finalização. Em síntese, são as jogadas ensaiadas dentro de um padrão de movimentação.

SISTEMAS DEFENSIVOS

Os sistemas defensivos possuem como objetivo impedir as manobras ofensivas utilizadas pela equipe adversária. Eles dependem da marcação individual de cada marcador, por isso partem da individualidade para o coletivo (ANDRADE JUNIOR, 1999).

Para Ferreira (2001), marcação é a ação de impedir que o oponente direto tome posse da bola e, quando de posse dela, venha a progredir pelo espaço de jogo. Segundo Voser (2001), é a maneira pela qual uma equipe se coloca na quadra de jogo, visando impedir que o adversário chegue ao gol.

Para Gomes e Machado (2001), a marcação consiste na ação de impedir que seu oponente receba a bola e, quando de posse dela, evite a progressão pelo espaço do jogo. Conforme Mutti (2003), consiste em dificultar os deslocamentos do adversário, não o deixando livre para receber a bola e concluir o gol.

Os esquemas defensivos se configuram no tipo de marcação adotada pelo treinador. Entre as mais referenciadas na literatura, destacam-se a marcação **individual** (realizada em situação de marcação pressão, meia-pressão e na quadra de defesa) e marcação **por zona** (configurada em forma de losango e quadrado).

Marcação individual

A marcação individual ou homem a homem (mulher a mulher) se caracteriza pela responsabilidade de cada defensor sobre um jogador adversário (o seu atacante) previamente determinado. Para Santana (2003), marcar individualmente significa acompanhar o adversário por onde ele se movimentar. Nesse caso, o defensor deve acompanhar o adversário sob sua responsabilidade em todo o espaço da quadra de jogo.

Requer jogadores rápidos, com grande capacidade física, bons marcadores e muito disciplinados taticamente. Para Santos Filho (2000), se ela não for bem realizada, teremos muitas faltas e, se houver falha na marcação de algum jogador, a cobertura, na maioria das vezes, é muito lenta. Segundo Mutti (2003), é uma marcação de alto grau de risco por não oferecer cobertura.

Apresenta como principais aspectos positivos: reduz os chutes de longa distância, diminui as opções de passe, força o erro do adversário, diminui o tempo de posse de bola do adversário – impedindo, dessa forma, que tenha muito tempo para pensar na realização da jogada –, proporciona mais desgaste físico dos adversários pela necessidade de movimentação para sair da marcação.

Quanto aos aspectos negativos, cabe destacar: promove grande desgaste físico dos defensores para acompanhar a movimentação dos atacantes, dependendo do posicionamento adversário, proporciona grandes espaços na quadra, o que facilita os lançamentos, as infiltrações e as “bolas nas costas”.

Pode ainda gerar vantagem numérica se um jogador da equipe adversária conseguir realizar um drible, o que dificulta a

recuperação do espaço perdido e a cobertura pelos demais jogadores.

Santana (2008) sintetizou a concepção de vários autores sobre marcação individual em um quadro contendo as principais características, vantagens, inconvenientes, indicações e variáveis. O autor destaca como principais características: marca-se prioritariamente o sujeito e depois a bola; é mais versátil do que a defesa em zona; os jogadores devem estar atrás da linha da bola sempre que possível, para ajudar defensivamente; exige troca de marcação quando o ataque provoca superioridade numérica; não exclui coberturas.

Apresenta como vantagens: menor desgaste mental do que a defesa em zona; incrementa a concentração e combatividade dos jogadores; permite ajustar as características do marcador ao atacante adversário; se realizada em pressão, tende a provocar erros de passe do adversário; pode ser realizada em toda a quadra.

Como inconvenientes, o autor destaca: desgaste físico; provoca espaços livres; dificulta a ajuda defensiva (cobertura); é arriscada contra jogadores habilidosos no 1x1; desfavorece a comunicação verbal; é frágil quando o ataque aplica manobras

ofensivas; é contraindicada para jogadores lentos; eleva o número de faltas.

Para Santana (2008), essa marcação é indicada para recuperar a bola diante de placar adverso e suas variáveis são: individual $^{4}/_{4}$ de quadra; individual em ¾ de quadra; individual em $^{2}/_{4}$ quadra; individual em ¼ de quadra; individual com salto e troca de marcadores; individual com troca de marcação.

Segundo Morato (2004), esse sistema admite a possibilidade de realização sob pressão (exige a constante ação do defensor sobre o atacante em qualquer local da quadra em que este se encontre) e meia-pressão (difere-se da anterior pelo fato de se direcionar a marcação individual exclusivamente sobre o adversário que possui o domínio da bola. Quando o oponente não tem a posse de bola, o defensor deve marcá-lo a distância, tendo ainda a possibilidade de dar cobertura a outro companheiro que esteja efetivamente pressionando seu atacante direto).

Ainda sobre pressão ou meia-pressão, podemos analisar conceitos de outros autores. Para Oliveira, Romcy e Balzano (2010), por exemplo, a marcação sob pressão exige que o marcador exerça o combate direto ao adversário em qualquer setor da quadra, procurando evitar que o oponente receba a bola.

Já para Mutti (2003), a marcação meia-pressão é exercida sobre o jogador adversário que tem ou recebe a bola, ficando os outros jogadores na marcação dos seus adversários, porém em uma distância maior, pois deve existir uma preocupação em fechar o meio da quadra e oferecer cobertura ao jogador que executa a pressão.

Exemplos de marcação pressão e meia-pressão:

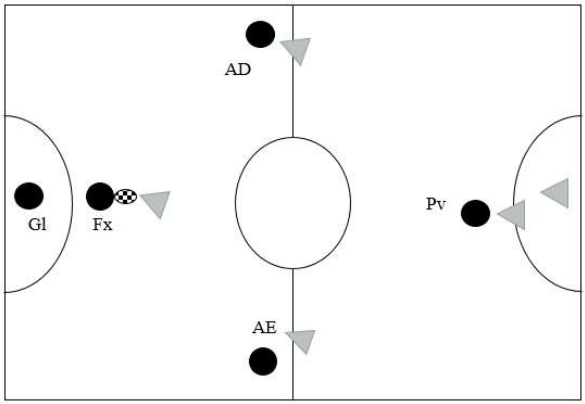


Figura 33 - Marcação pressão

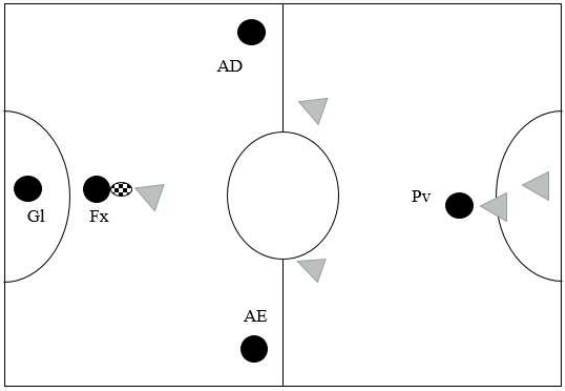


Figura 34 - Marcação meia-pressão

Marcação por zona

A marcação por zona ou setores se caracteriza pela responsabilidade que cada defensor tem sobre uma determinada região da quadra de jogo e, assim, pelo atacante direto que a ocupa (MUTTI, 2003). Conforme Andrade Junior (1999), ela é feita com os atletas ocupando e marcando os espaços por onde as ações ofensivas dos adversários são realizadas.

Para Voser (2001), não importa o posicionamento do adversário, e sim as zonas que cada jogador deve cobrir. Nessa marcação, a atenção dos jogadores deve ser dirigida para a bola, que fará com que os defensores mudem de posição conforme seu deslocamento.

Em síntese, essa marcação consiste em atribuir a cada jogador da equipe uma zona definida de defesa com a incumbência de ocupá-la e defendê-la integralmente. Nesse sistema, marca-se a bola, e não o jogador. O combate é realizado sobre o jogador adversário quando ele penetra na zona do defensor, sem que, no entanto, este seja obrigado a acompanhá-lo fora dela.

Diferentemente da marcação individual (quando a marcação é fixa em um adversário previamente determinado), na marcação por zona a prioridade assumida pelo defensor é a marcação de um setor definido. Nesse tipo de marcação, o posicionamento dos defensores ocorre em função do deslocamento da bola (BAYER, 1994) e, por isso, são comuns as constantes trocas de marcação.

O sistema de marcação por zona é muito vantajoso, pois favorece a cobertura de defesa, tornando a marcação altamente eficaz, sendo propícia aos contra-ataques toda vez que a bola é tomada do adversário, facilitando a cobertura e recuperação quando um defensor sofrer um drible. Proporciona, ainda, menos desgaste físico dos defensores, redução dos espaços abertos no centro da quadra e dificulta a “bola nas costas”.

Como aspectos negativos, podemos destacar: pouca eficiência em inibir o chute de longa distância e aumenta o tempo de posse de bola da equipe adversária, pois normalmente possibilita liberdade para a troca de passes.

Santana (2008) sintetizou a concepção de vários autores sobre marcação por zona em um quadro contendo as principais características, vantagens, inconvenientes, indicações e variáveis. O autor destaca como principais características: marca-se a bola; pressiona-se o portador da bola; os defensores ocupam um espaço em particular (porém variável, segundo o posicionamento da bola) e se responsabilizam pelos contrários que entram neste com ou sem bola; é preciso estar permanentemente disponível para ajudar os companheiros; requer comunicação verbal constante entre os jogadores; requer jogadores muito disciplinados taticamente.

As principais vantagens são: favorecimento do contra-ataque; a bola é constantemente vigiada; as zonas de finalização ficam protegidas; facilita o retorno defensivo; reduz o número de faltas da equipe; facilita coberturas; permite usar jogadores com menos predisposição defensiva (lentos).

Os inconvenientes são: dificuldade em entender e aplicar; exige muitas horas de treinamento; frágil contra equipes

de bons passadores (velocidade da bola); pode causar problemas se houver mais de um jogador no setor de um defensor; exige intensidade defensiva (pressão na bola) todo o tempo; desgasta quem marca na primeira linha defensiva; em função do espaço variável, exige que o defensor cubra território muito longe do seu setor original; inibe o jogo enquanto espetáculo.

Santana (2008) destaca que ela é indicada: contra equipes com passadores fracos e/ou chutadores fracos de meia-distância; para equipes que tenham defensores lentos; para mudar o ritmo do jogo; para provocar a impaciência do ataque; para marcar quando em inferioridade numérica; para marcar contra-ataques.

O autor ainda nos diz que suas variáveis são: zona pressionante; zona em ¾ de quadra ou ofensiva; zona em $^{2/4}$ de quadra ou defensiva; zona em ¼ de quadra ou defensiva; losango (1x1x2x1); quadrado (1x2x2) ou quadrante.

Para Saad e Costa (2001), pode ser realizada a marcação por zona de maneira **passiva** (toda ação defensiva que não procura roubar a bola do adversário, observando o que ele fará, se portando passivamente em quadra, com o objetivo de cercar o adversário, seja na defesa ou no ataque) ou **ativa** (toda ação que tem por objetivo tirar a bola do adversário no menor

tempo possível, sendo necessário que cada defensor marque um adversário, pressionando a recepção da equipe adversária e induzindo ao erro, seja na defesa ou no ataque).

Na marcação por zona em forma de losango, há um deslocamento dos jogadores em formato de formas geométricas: quando a bola está no centro da quadra, a defesa de posiciona em losango; quando a bola está nas alas, a defesa se posiciona em triângulo. Os jogadores possuem deslocamentos preestabelecidos, sendo que os alas (direito e esquerdo) se deslocam em diagonal para frente e para trás. O central ou fixo, via de regra, faz deslocamentos laterais para direita e para esquerda, e o pivô se desloca para frente e para trás.

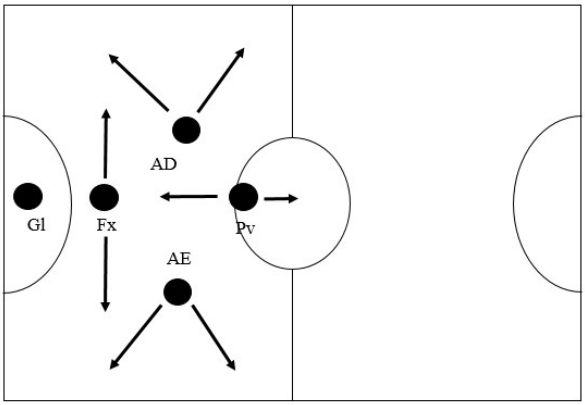
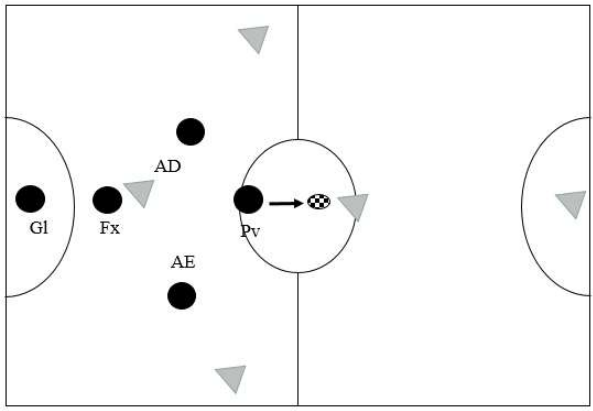
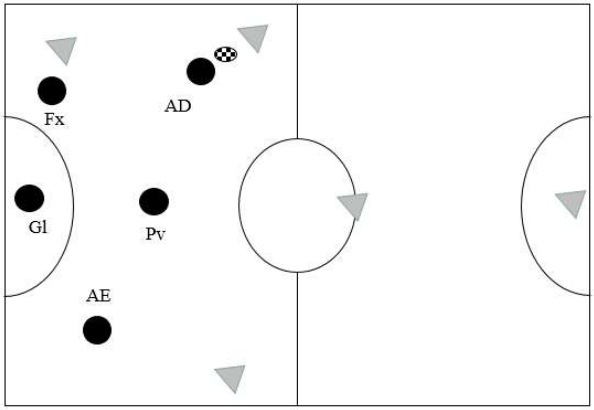


Figura 35 - Sentido dos deslocamentos na marcação por zona

Nas figuras seguintes, é importante observar o posicionamento do pivô e do ala oposto à posição da bola, pois eles sempre procuram se posicionar para impedir que a bola entre no espaço central da marcação. Alguns autores classificam esse posicionamento como leque.





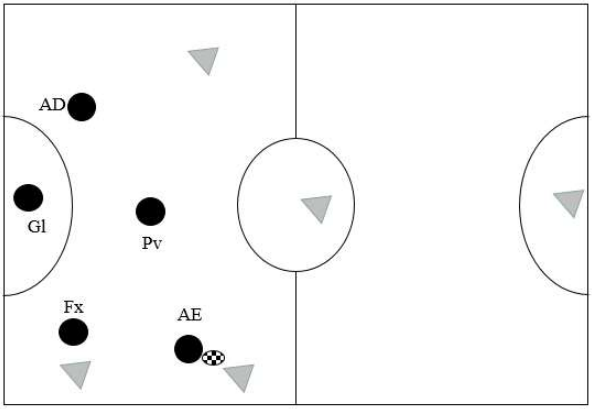


Figura 36 - Marcação por zona

Local da marcação em quadra ou linhas de marcação

Vários autores discorrem sobre a posição da quadra que a marcação será realizada e apresentam uma divisão da quadra utilizando linhas de defesa. Essas linhas estão associadas à ideia de espaço: quanto mais avançada a linha defensiva, menor espaço será deixado para a equipe adversária jogar. Existem divisões da quadra em três, quatro ou cinco linhas defensivas.

A seguir, temos o exemplo da divisão da defesa em quatro posicionamentos: nas quatro linhas de defesa, pode-se optar pela marcação individual ou zona, porém, quanto mais adiantada a marcação, maior será a dificuldade da realização da marcação em zonas.

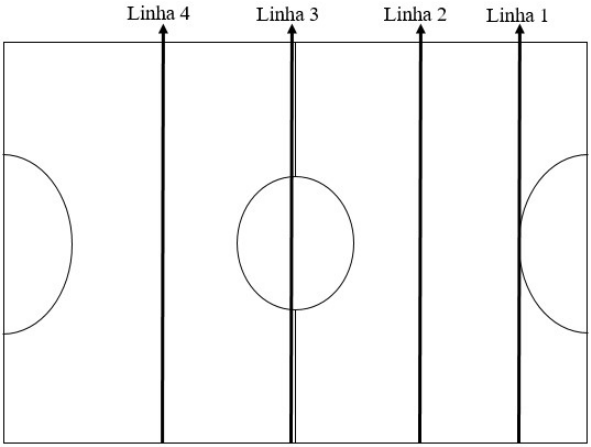


Figura 37 - Linhas de marcação

Linha 1

É aquela realizada na quadra de defesa do adversário, também chamada de marcação sob pressão. Tem como objetivo impedir a saída de bola da equipe adversária, fazendo com que o goleiro da equipe adversária não tenha opção de jogo e seja obrigado a transferir a bola para a quadra de ataque. É utilizada quando se quer recuperar rapidamente a posse de bola ou impedir a equipe adversária de realizar padrões de movimentação.

Apresenta como principais aspectos negativos: o grande espaço deixado na quadra de defesa, o grande desgaste

físico e psicológico para sua realização e a fragilidade da cobertura.

Há necessidade de o goleiro defensor estar muito atento ao jogo, pois poderá atuar na cobertura dos demais jogadores.

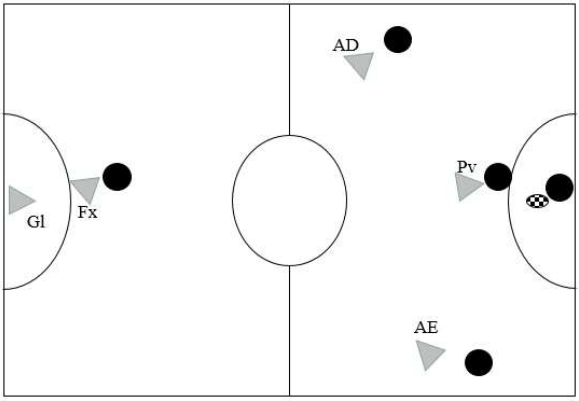


Figura 38 - Marcação na linha 1

Linha 2

É a marcação realizada por meia-pressão. Sua finalidade é possibilitar ao goleiro adversário um pouco mais de espaço para a saída de bola, evitando a transferência de bola direta ao pivô. Porém, assim que ela é colocada em jogo pelo goleiro adversário, o jogador adversário que recebê-la terá seu espaço reduzido, e a equipe defensora avança para a primeira linha de defesa, aumentando a pressão na marcação.

Também pode ser realizada apenas com pressão ao jogador adversário que está com a bola, enquanto os demais jogadores mantêm o meio da quadra fechado, impedindo o passe para o pivô.

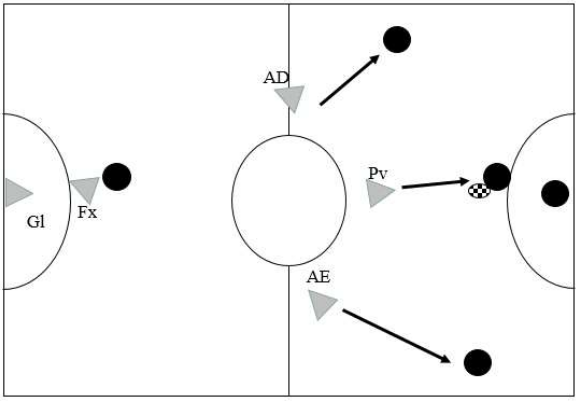


Figura 39 - Marcação na linha 2

Linha 3

Também conhecida como marcação meia-quadra, pois nesse posicionamento defensivo a equipe defensora se posiciona até a linha que divide a quadra em ataque e defesa. O combate à equipe adversária só é realizado quando os adversários entram na quadra de defesa. Os objetivos desse posicionamento defensivo são evitar a infiltração ("bola nas costas" dos marcadores) e fechar o meio da quadra, para impedir a bola de

chegar ao pivô. É muito utilizada por equipes que jogam no contra-ataque e que não possuem boa condição física.

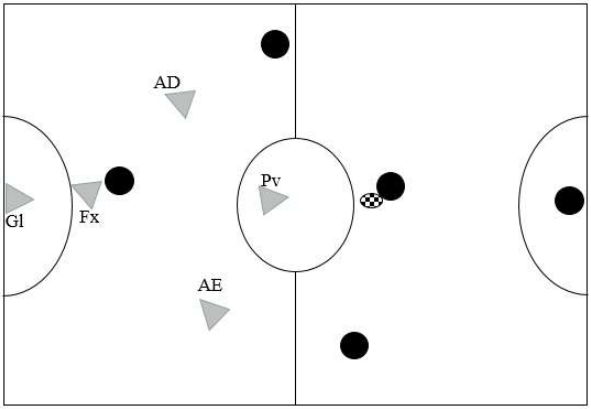


Figura 40 - Marcação na linha 3

Linha 4

A linha 4 é realizada de forma similar à linha 3, porém próxima à linha de dez metros na quadra de defesa. É um posicionamento defensivo bastante recuado, com o objetivo de fechar o meio da quadra para impedir a bola de chegar ao pivô, não possibilitando espaços para infiltrações ou tabelas. Possui como aspectos negativos o total domínio do jogo pela equipe adversária e é pouco eficiente contra chutes de longa distância. É muito utilizada por equipes que jogam no contra-ataque e que não possuem boa condição física.

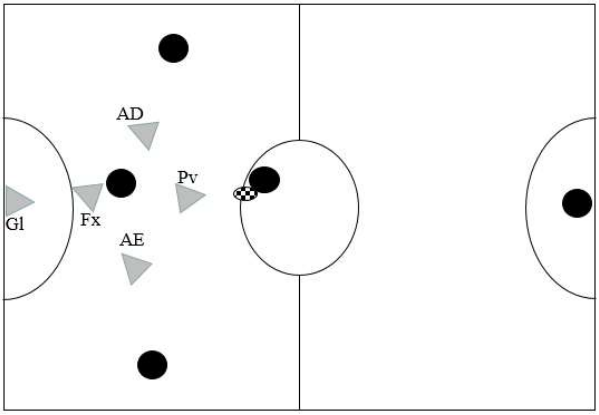


Figura 41 - Marcação na linha 4

Marcação do goleiro linha

Como vimos anteriormente nos sistemas ofensivos, basicamente o goleiro linha é utilizado quando a equipe está em desvantagem no placar e nos minutos finais da partida. Normalmente, os sistemas ofensivos utilizados como goleiro linha são 1x2x2 e 2x3.

Para Fonseca (2001), a melhor opção defensiva para se marcar uma equipe utilizando goleiro linha é a marcação por zona, pois a marcação individual dificulta a ocupação dos espaços da quadra. Segundo Andrade Junior (2009), existem dois tipos de marcações por zona para marcar goleiro: a **losango** e a **quadrado**.

Marcação losango

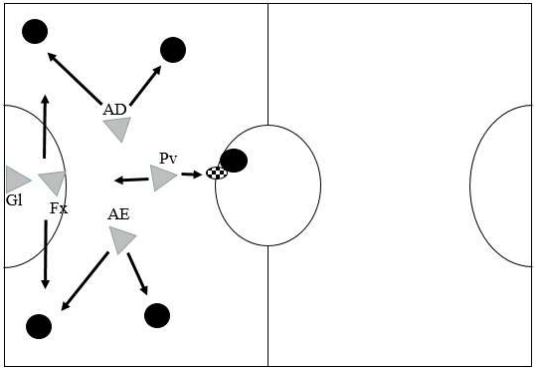
É utilizada, principalmente, para evitar a progressão do goleiro, normalmente quando ele apresenta boa qualidade de finalização de média e longa distância. É uma marcação de expectativa, em que se espera o adversário errar, forçando um elevado número de passes, e para espaços com menor ângulo de finalização.

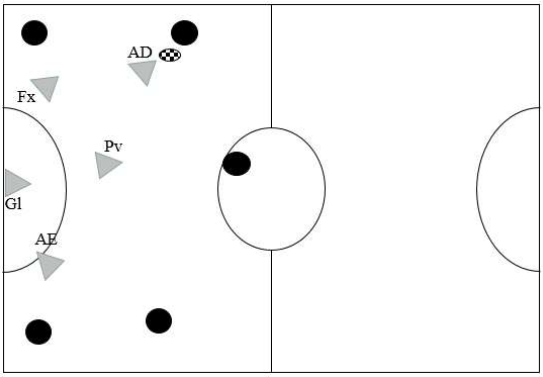
Os jogadores posicionados mais à frente (alas e pivô) devem ser agressivos na marcação, evitando que o adversário possua muito tempo para pensar, acelerando o passe e evitando manobras mais elaboradas.

Nessa marcação, o pivô fica posicionado na ponta do losango, realizando deslocamentos para frente e para trás, enquanto os alas fazem deslocamentos diagonais para frente e para trás, e o fixo realiza deslocamentos laterais. Tanto os alas quanto o pivô devem sempre estar posicionados atrás da linha da bola, para impedir passes no centro da formação defensiva – sendo que o ala deve estar sempre oposto ao homem da bola, fazendo a cobertura com o pivô no centro da quadra.

Outro aspecto importante a destacar é a capacidade de atenção e concentração da defesa, pois quanto maior for o tempo

de posse de bola adversário, maior a probabilidade de um erro de posicionamento defensivo.





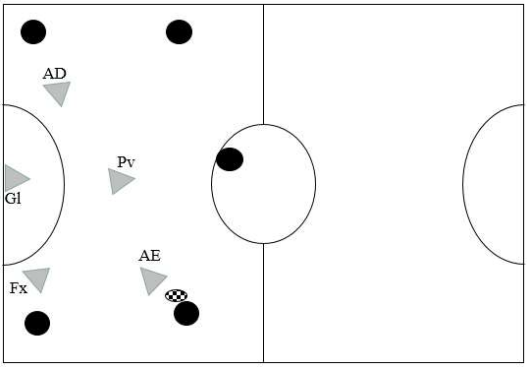
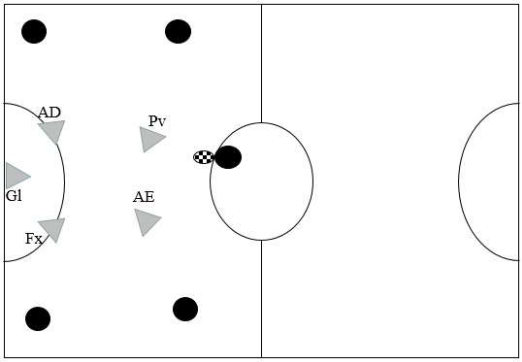


Figura 42 - Marcação do goleiro linha em losango

Marcação quadrado

A marcação em forma de quadrado é utilizada quando o goleiro não possui um bom potencial de chute. É uma defesa por zona na formação 2x2. O pivô e um ala se posicionam mais adiantados, e o fixo e o outro ala se posicionam mais recuados.



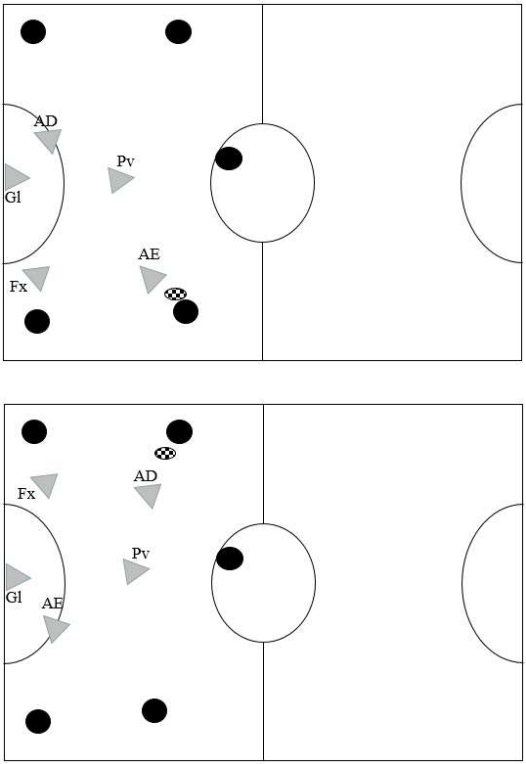


Figura 43 - Marcação do goleiro linha em quadrado

Marcação em cobranças de escanteio

O ponto mais sensível da quadra no momento da cobrança do escanteio é dentro da área penal, e quanto mais frontal ao goleiro for, maior a probabilidade de ocorrer o gol. Assim, a marcação em cobranças de escanteio normalmente se realiza de duas formas: **por zona**, quando os cinco jogadores são

usados dentro da área, com o objetivo de impedir que a bola entre na área vinda direto dos pés do cobrador do escanteio. Os quatro jogadores de linha formam praticamente um “Y”, sendo que os dois jogadores mais rápidos e ágeis devem estar posicionados mais para dentro da quadra, sendo um responsável pelo chute de bola paralela e o outro pelo chute de bola cavada, no lado oposto à cobrança.

Esse posicionamento tem por objetivo forçar a equipe adversária a trabalhar a bola fora da área, evitando o ponto mais sensível na quadra durante a cobrança de escanteio e forçando a equipe adversária a realizar vários toques na bola para concluir a jogada ou reiniciar o jogo na meia-quadra.

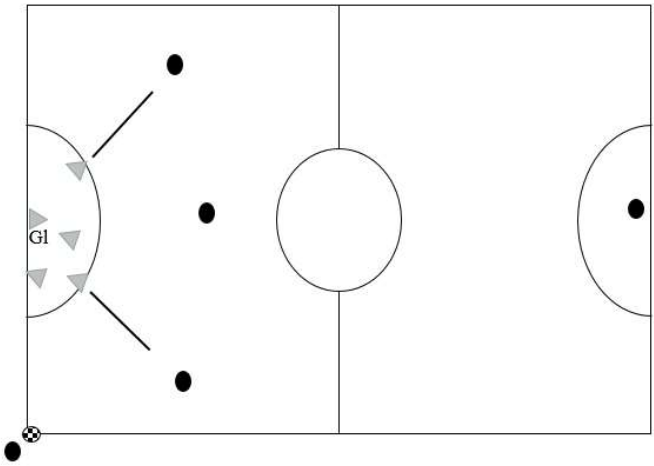


Figura 44 - Marcação por zona em cobrança de escanteio

Na marcação **mista**, um jogador permanece fechando a linha do passe, próxima à linha de fundo, e os demais marcam seus respectivos atacantes. Esse tipo de marcação é mais agressivo e de clara responsabilidade, porém, se mal executado, permite à equipe adversária criar espaços próximo da área penal, o que facilita a finalização.

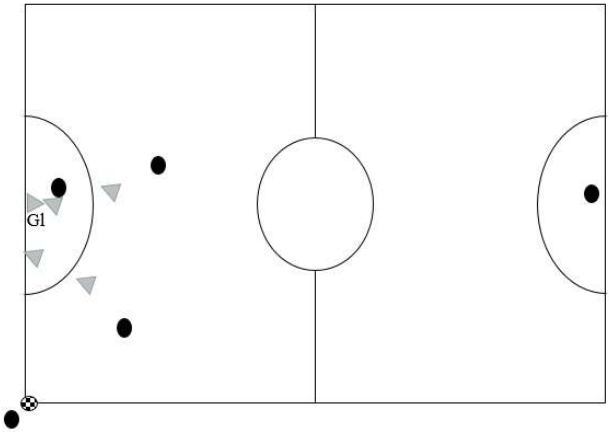


Figura 45 - Marcação individual em cobrança de escanteio

Marcação em cobranças de lateral

Tanto na marcação por zona quanto na marcação individual o importante para o jogador é estar posicionado atrás da linha da bola. Assim, na marcação por zona, os jogadores adotam a formação losango ou quadrado com as respectivas variações devido ao posicionamento do adversário; na marcação

individual, cada jogador marca seu respectivo adversário, atentando para a linha da bola.

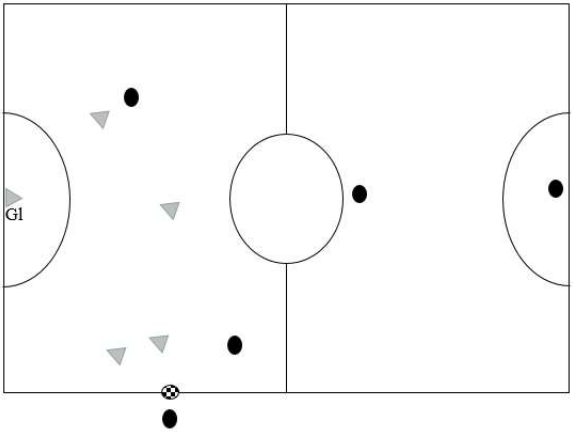


Figura 46 - Marcação em cobrança de lateral

Sistema de transição/Contra-ataque

Para González e Fraga (2012), sistema de transição corresponde à passagem de uma equipe de um lado para o outro de quadra. Quando essa mudança ocorre da defesa para o ataque, é denominada contra-ataque; já se acontece do ataque para a defesa da equipe, é chamada de retorno defensivo.

Para Voser (2001), contra-ataque é um elemento técnico-tático, de caráter ofensivo, que consiste na saída rápida da defesa para o ataque, com a finalidade de surpreender o adversário. Segundo Santana (2004), é um momento de

transição ofensiva, caracterizado pela passagem veloz da defesa para o ataque e que pode se originar pela interceptação de um passe, de um desarme, de uma defesa do goleiro ou ainda de uma rápida reposição de bola.

Os contra-ataques merecem muita atenção no treinamento de uma equipe, pois uma grande parcela dos gols se originam de ações defensivas.

Borges, Loth e Dornelles (2013) realizaram um estudo com o objetivo de analisar qual a origem dos gols marcados na Liga Futsal 2013, da segunda fase até as semifinais. Analisaram 268 gols em 56 partidas, contabilizados como sendo originados de ataque posicional, contra-ataque, bola parada, goleiro linha ou gol contra.

Tabela 1 - Origem dos gols marcados na Liga Futsal 2013

	F	**F %**
Ataque posicional	96	35,8
Contra-ataque	82	30,6
Bola parada	46	17,2
Goleiro linha	40	14,9
Gol contra	4	1,5
Total	268	100

Fonte: Borges, Loth e Dornelles (2013)

Os autores constataram que a maior incidência de gols ocorreu em jogadas de ataque posicional (35,8%), com pequena diferença para os gols originados em jogadas de contra-ataque (30,6%). Notaram, ainda, que as jogadas de bola parada foram, muitas vezes, decisivas em um jogo de futsal, pois foram marcados 17,2% gols nessa situação, sendo a terceira forma mais utilizada para fazê-los. Destacaram, ainda, que os gols desse tipo de jogada poderiam acontecer muitas vezes de forma direta, quando o jogador chutava direto para o gol, ou em uma jogada ensaiada, com a intenção de enganar o adversário. O estudo constatou que em jogadas com goleiro linha foram realizados 40 gols (14,9%) do total.

Como se pode observar, a retomada de bola para a realização de um contra-ataque é de suma importância no resultado de uma partida.

Outro fundamento que merece muita atenção são as bolas paradas, as quais, sempre que possível, devem possuir uma jogada previamente ensaiada ou jogadas combinadas.

Oliveira et al. (2018) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a influência dos fundamentos técnicos específicos (passe, finalização e desarme), além da posse de bola, com a classificação final das equipes em um torneiro de

futsal amador de curta duração. A pesquisa foi realizada com oito equipes da categoria adulta masculina do 27º Torneio de Verão de Futsal de Indaial-SC, cuja edição foi em 2012. Os autores utilizaram como instrumento de coleta de dados um *scout*, adaptado de Santana (2011). Os dados analisados mostraram que as equipes vencedoras também obtiveram maior êxito nos desarmes totais e, no âmbito geral, maior acerto nas finalizações.

Tabela 2 - Número de desarmes

TIPOS DE DESARME	TOTAL	% VENCEDORES	% PERDEDORES	% EMPATES
COM POSSE DE BOLA NA MEIA-QUADRA DEFENSIVA	264	47,72%	29,92%	22,35%
SEM POSSE DE BOLA NA MEIA-QUADRA DEFENSIVA	306	44,12%	30,39%	25,49%
COM POSSE DE BOLA NA MEIA-QUADRA OFENSIVA	98	40,82%	32,65%	26,53%
SEM POSSE DE BOLA NA MEIA-QUADRA OFENSIVA	105	53,33%	30,48%	16,19%
TOTAL	773	185,99%	123,44%	90,56%
MÉDIA	193,2	46,49%	30,86%	22,64%

Fonte: Oliveira et al. (2018).

Os autores destacaram que, independentemente do local da quadra (ataque ou na defesa), com ou sem posse de bola, os vencedores obtiveram maior percentual de desarmes em relação aos derrotados.

Tabela 3 - Número de passes

TIPOS DE PASSE	TOTAL	% VENCEDORES	%PERDEDORES	% EMPATES
CERTO	9701	30,34%	35,38%	34,28%
ERRADO	1094	37,20%	37,66%	25,14%
TOTAL	10795	67,54%	73,04%	59,42%
CORRELAÇÃO	11,28%	13,83%	12%	8,27%

Fonte: Oliveira et al. (2018).

Tabela 4 - Número de finalizações

TIPOS DE FINALIZAÇÃO	TOTAL	% VENCEDORES	% PERDEDORES	% EMPATES
PARA O GOL	632	38,61%	32,59%	28,80%
PARA FORA DO GOL	667	35,53%	37,79%	26,69%
TOTAL	1299	74,14%	70,38%	55,49%
MÉDIA	649,5	37,07%	35,19%	27,74%

Fonte: Oliveira et al. (2018).

Tabela 5 - Tempo de posse de bola

POSSE DE BOLA	SOMATÓRIO	MÉDIA	%	DESVIO PADÃO
VENCEDORES	207:54,5	18:54,0	47%	3:36,8
PERDEDORES	232:05,5	21:06,0	53%	3:36,8

Fonte: Oliveira et al. (2018).

Os autores constataram que o somatório da posse de bola dos vencedores foi, aproximadamente, 25 minutos menor do que o dos perdedores, e as equipes que venceram seus jogos obtiveram uma média de domínio de bola de 18min54s (47%), enquanto os derrotados somaram 21min06s (53%). Destacaram, ainda, que esses valores podem ser explicados pela tentativa de a equipe com inferioridade no placar ter de se apresentar para o

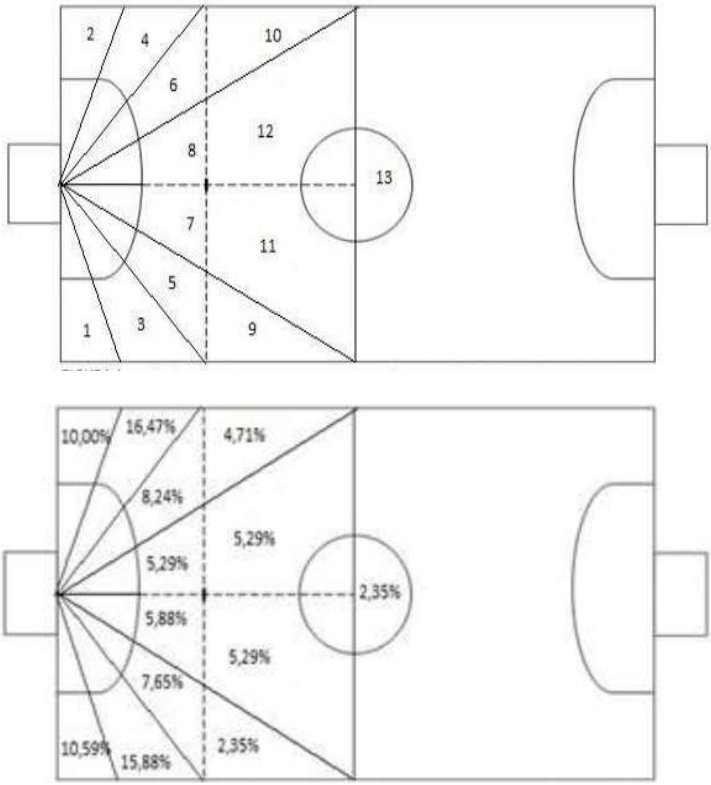
jogo com maior afinco, enquanto que a equipe com vantagem de gols se preocupou em acertar a marcação e explorar os contra-ataques.

Oliveira et al. (2018) apontaram que há evidências de o fundamento técnico mais influente no resultado ser o desarme, enquanto que mais tempo de posse de bola não define a vitória em uma partida. Em nenhum dos jogos os vencedores obtiveram menor número de desarmes do que o derrotado. Os pesquisadores constataram que as equipes com o maior número de vitórias, de maneira geral, também finalizaram mais em direção ao gol.

Kunze, Schlosser e Brancher (2016b) realizaram um estudo com os objetivos de analisar os setores da quadra onde ocorrem o maior número de finalizações e verificar qual o setor que aconteceu o maior número de gols durante as partidas de futsal masculino. Eles analisaram 13 jogos da equipe da ADHering durante o Campeonato Catarinense de Futsal 2012, utilizando um *scout* adaptado de D'Ávila et al. (2002), dividindo a quadra em 13 setores de finalização. No estudo, não consideraram as situações de jogo que originaram os gols, como ataque posicional, contra-ataque, bola parada e goleiro linha, pois a principal finalidade do estudo foi subsidiar os

treinamentos para goleiros, partindo da posição onde foram desferidos os chutes. Consideraram, portanto, somente as finalizações que culminaram em defesa do goleiro ou gols.

Figura 47 - Relação entre setor da quadra e número de finalizações



Fonte: Kunze, Schlosser e Brancher (2016b)

Kunze, Schlosser e Brancher (2016b) destacaram que houve uma distribuição equilibrada entre os setores com os

mesmos ângulos e as mesmas distâncias de chute em ambos os lados da quadra onde ocorreram as finalizações, sendo sua maior incidência nos setores de 3 e 4, seguidos pelos setores 1 e 2, evidenciando que os setores laterais são os mais utilizados nas finalizações.

Tabela 6 - Relação entre setor da quadra, número de finalizações e número de gols

Setor da Quadra	Número de Finalizações	Gols	Eficiência dos Finalizadores
1	18	5	27,78%
2	17	4	23,53%
3	27	3	11,11%
4	28	1	3,57%
5	13	3	23,08%
6	14	2	14,29%
7	10	4	40,00%
8	9	3	33,33%
9	4	0	0,00%
10	8	1	12,50%
11	9	2	22,22%
12	9	0	0,00%
13	4	3	75,00%

Fonte: Kunze, Schlosser e Brancher (2016b)

Os autores destacaram que, nos jogos analisados, aconteceram 170 finalizações corretas, com 31 gols. Os setores de finalização com o maior índice de chutes certos em gol foram os próximos à meta do goleiro, sendo os setores 3 e 4 com

32,35%, e os setores 1 e 2 com 20,59% do total de finalizações. O maior índice de gols foi nos setores de finalização 1 e 2, somando juntos 29,03% de todos os gols sofridos pela equipe.

Philippi e Sousa (2015) realizaram um estudo com o objetivo de analisar os gols do V Torneio Mundial Feminino de Futsal, realizado em 2014. Para tanto, verificaram os locais da quadra onde ocorreram os gols, as situações que resultaram em gols de bola parada (escanteio, lateral, falta, pênalti ou tiro livre direto) e gols resultantes de bola em movimento (ataque construído, contra-ataque, gol de goleiro linha e falha de goleiro linha).

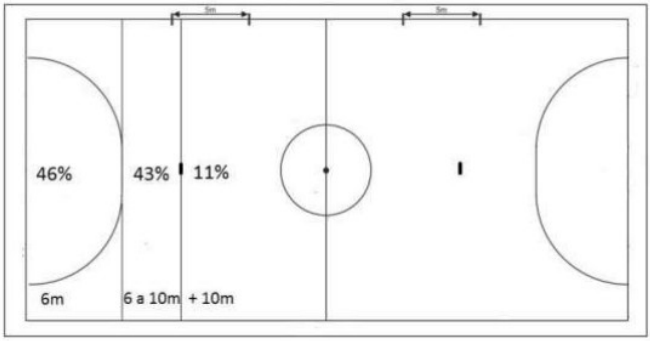
Os autores constataram que 83% dos gols marcados foram feitos com a bola em movimento e apenas 17% ocorreram com bola parada. Com relação à bola em movimento, a origem dos gols foi classificada em: contra-ataque, ataque construído, gol de goleiro linha e gol de falha de goleiro linha.

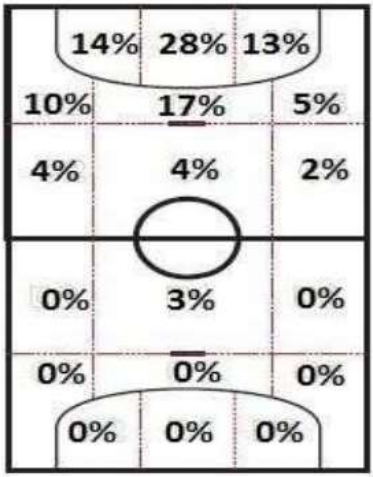
Os gols convertidos de ataque construído foram de 66%, com média de 3,07 por jogo, 43 gols em 14 jogos. Os gols de contra-ataque totalizaram 29%, média de 1,3 gols por jogo. Os gols com utilização do goleiro linha foram de 2%, enquanto que os gols realizados devido à falha na utilização do goleiro linha foram de 3%. Já no que se refere às bolas paradas, as

maiores incidências foram gols de escanteio, pênalti e falta, com 23%, seguidos dos de tiro livre (16%) e lateral (15%).

Os autores destacaram, ainda, setores da quadra onde ocorreram os gols: a região do meio da quadra obteve 54% dos gols, seguidos da ala esquerda, com 24% e, por fim, na ala direita, com 22%. Quanto à distância dos gols, observaram que 43 deles foram marcados nos seis metros iniciais da quadra, 41 foram convertidos entre seis e dez metros de distância do gol e dez após zero metro de distância.

Figura 48 - Relação entre setor da quadra e número de gols





Fonte: Philippi e Sousa (2015

JOGADAS COMBINADAS

Para Saad e Costa (2001), as jogadas originadas de um lance de bola parada também são momentos muito propícios para a marcação de gols, quando se tem a oportunidade de organizar a manobra ofensiva, muitas vezes, com uma manobra ensaiada.

Conforme Mutti (2003), as jogadas de bola parada têm por objetivo principal ludibriar a equipe adversária, por meio de fintas, ou deslocamentos rápidos, de maneira a possibilitar que a equipe chegue facilmente à meta adversária.

Cada treinador utiliza critérios diferentes para sua elaboração, porém, de maneira geral, a melhor opção é sempre aquela jogada que for mais simples, de fácil execução, que minimize as possibilidades de erro e que possibilite o gol.

Via de regra, os jogadores envolvidos nelas devem ser inteligentes, com boa leitura de jogo e conhecedores de todas as variações de jogadas. Contudo, as jogadas ensaiadas devem ser de conhecimento de todos os jogadores e treinadas exaustivamente, de modo que a equipe seja eficaz na sua execução em qualquer momento do jogo, sem a necessidade de o treinador solicitar um tempo para serem feitas.

Elas também devem ser elaboradas observando as características dos adversários e alteradas com frequência, com o objetivo de evitar que o adversário conheça seu mecanismo de execução.

Sugere-se que cada treinador treine com sua equipe, no mínimo, duas ou três jogadas ensaiadas para as situações críticas de jogo:

- faltas de curta distância (próximas à área penal, entre seis e oito metros);
- faltas de média distância (entre dez e 20 metros);
- cobranças de escanteio;
- cobranças de lateral na quadra ofensiva;
- cobranças de lateral na quadra defensiva;
- reposição de bola pelo goleiro (marcação pressão).

Jogadas combinadas para cobranças de escanteio

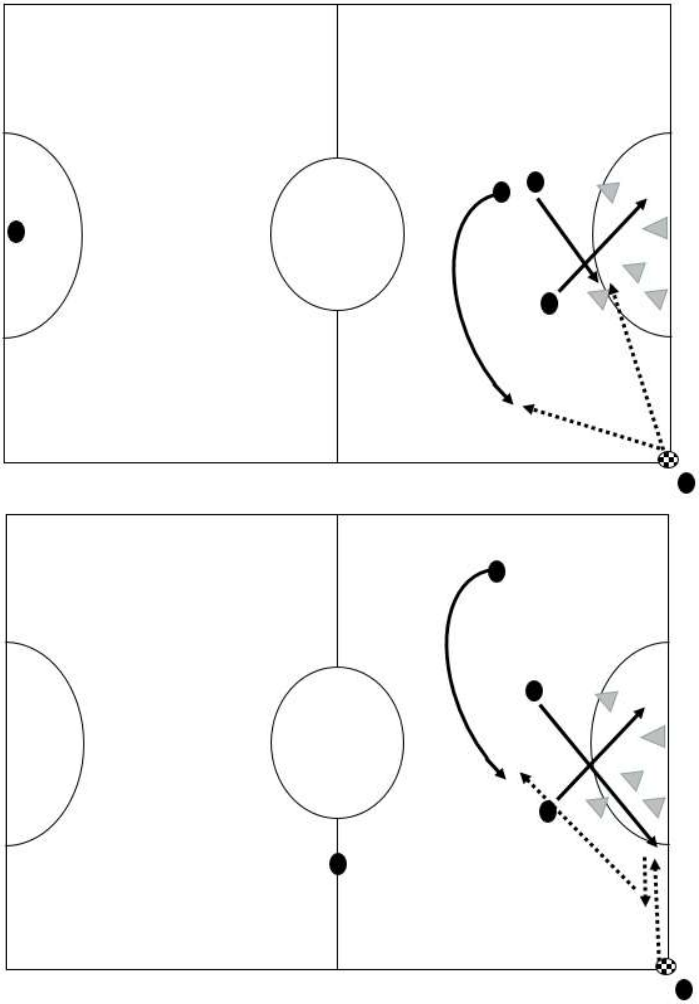


Figura 49 - Jogada ensaiada para cobrança de escanteio

Jogadas combinadas para cobranças de lateral (quadra ofensiva)

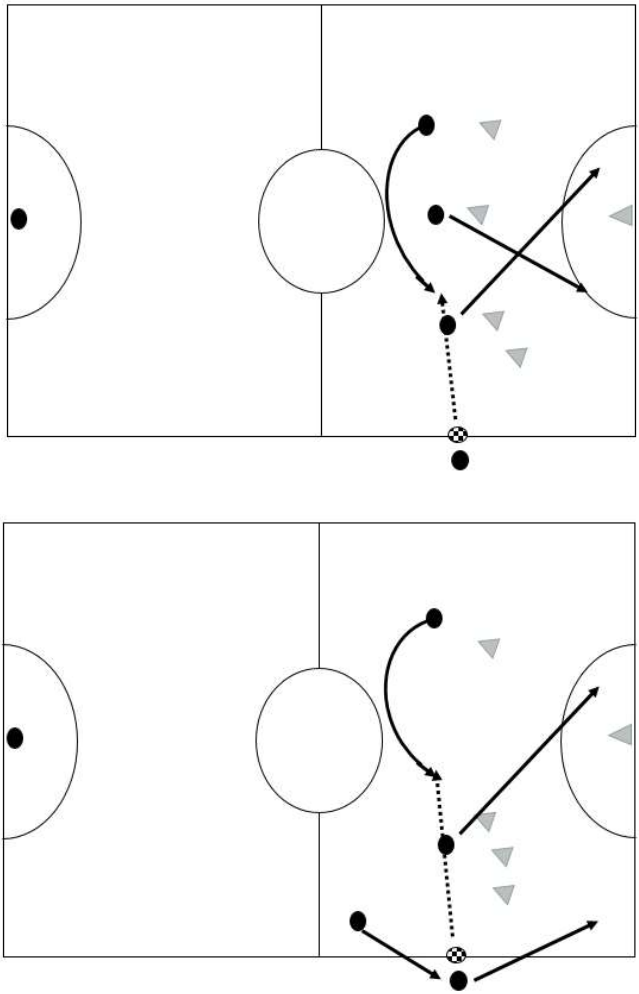


Figura 50 - Jogada ensaiada para cobranças de lateral ofensivo

Jogadas combinadas para cobranças de lateral (quadra defensiva)

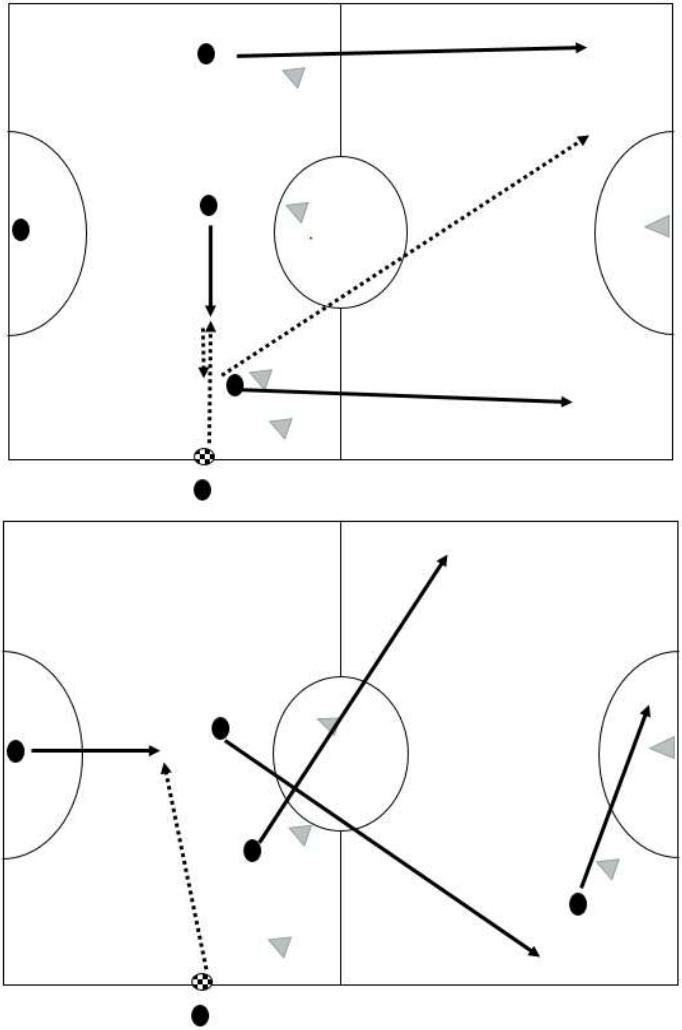


Figura 51 - Jogada ensaiada para cobranças de lateral defensivo

Jogadas combinadas para reposição de bola pelo goleiro

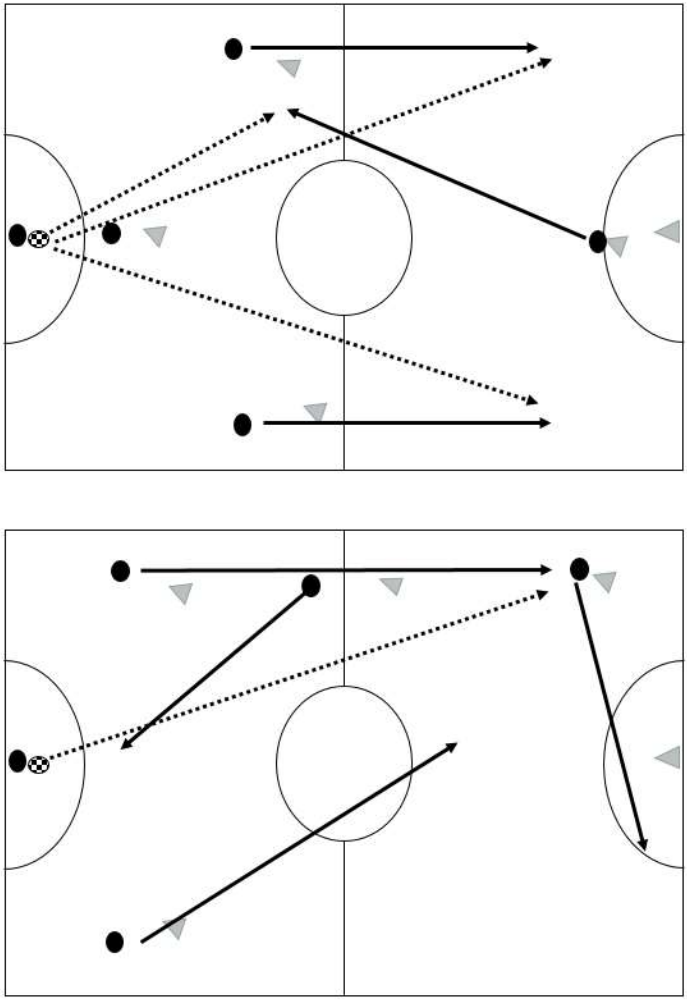


Figura 52 - Jogada ensaiada para reposição de bola pelo goleiro

Jogadas combinadas para cobranças de faltas (média distância)

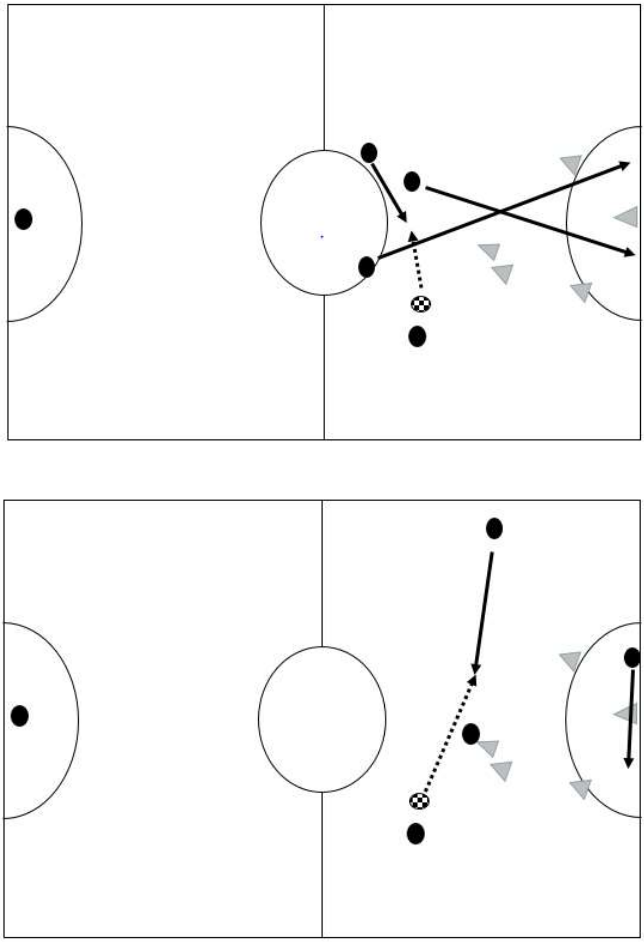


Figura 53 - Jogada ensaiada para cobranças de faltas (média distância)

Jogadas combinadas para cobranças de faltas (curta distância)

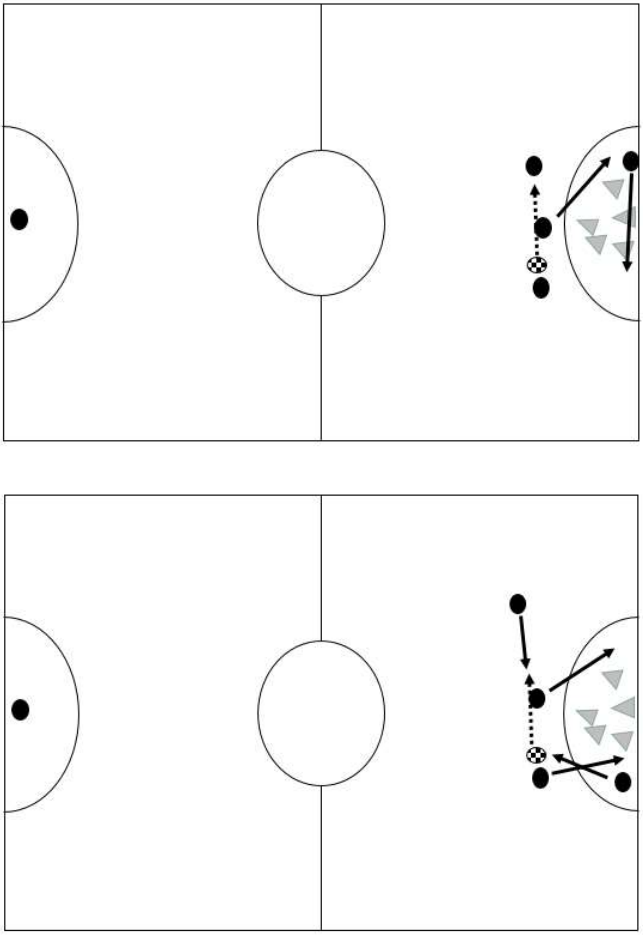


Figura 54 - Jogada ensaiada para cobranças de faltas (curta distância)

SCOUT TÉCNICO E TÁTICO

Scout é uma palavra de origem inglesa que significa explorar, verificar, analisar ou examinar. Passou a ser utilizada no esporte para analisar partida(s) ou parte dela(s) para avaliar o rendimento de uma equipe ou de determinados jogadores.

Para Ferreira, Paoli e Costa (2008), *scout* é o registro estatístico de um conjunto de jogos ou de uma temporada inteira e contribui para as soluções de médio e longo prazo dos problemas das equipes. Para os autores, é uma forma importante e eficiente de coleta de dados estatísticos, garantindo o controle e eficiência dos objetivos propostos. Para Vendite (2005), ele serve de ferramenta para técnicos e preparadores físicos na preparação total de uma equipe.

Para Leitão (2004), sua utilização é capaz de coletar informações das quais as comissões técnicas não retêm no momento do jogo. Por ele, pode-se avaliar ações relevantes de uma partida, permitindo trabalhar as variáveis inerentes ao jogo de forma mais eficiente, gerando respostas mais eficazes na obtenção da vitória.

Conforme Godik (1996), essa é uma ferramenta útil na tentativa de demonstrar erros e acertos durante o jogo, possibilitando alterações nas estratégias desenvolvidas.

Contudo, depois da coleta dos dados, é necessário realizar uma análise estatística, com elaboração de gráficos, tabelas, identificação das áreas / dos setores da quadra onde as jogadas mais importantes se desenvolveram etc.

As informações contidas nos dados analisados são um indicador de desempenho da equipe ou de um atleta e devem orientar as comissões técnicas na busca da minimização de erros ocorridos durante uma partida.

Conforme Dufour (1993), para assegurar que a quantidade de erros seja a menor possível, é preciso analisar os dados de todos os elementos que compõem o jogo, na tentativa de estabelecer uma correlação entre eles e seu resultado.

Para Godik (1996), a análise da qualidade das ações dos jogos é multiforme, bem como os parâmetros registrados. Independentemente da tecnologia utilizada, como *softwares* específicos ou planilhas de anotações, se consegue avaliar desde a condição técnica individual de um atleta até os sistemas de defesa e ataque de uma equipe.

Garganta (2001) relata que diferentes fases constituem o processo de análise de jogo, entre elas a observação dos acontecimentos, a coleta e a interpretação de dados. Essas fases permitem avaliar a organização das equipes e ações na competição; planificar e organizar o treino e as estratégias de trabalho; estabelecer as estratégias adequadas aos adversários; regular os processos de ensino, aprendizagem e treinamento.

Esse trabalho pode ser realizado de forma manual ou com a utilização de *softwares*. Atualmente, existem programas que geram automaticamente relatórios gerais e individuais à medida que os dados são inseridos, mostram os locais de ocorrência de cada ação, indicam os quadrantes mais utilizados para ação, bem como qual jogador mais eficiente em cada ação, além de apresentar as ações técnicas individuais.

Esses *softwares* são desenvolvidos com o intuito de proporcionar uma visualização rápida e detalhada, para que o treinador tenha mais subsídios para a tomada de decisão com a agilidade que exige o momento do jogo de futsal.

O que avaliar

As ações usualmente avaliadas com a utilização do *scout* são: desarmes (com e sem posse de bola), passes certos e

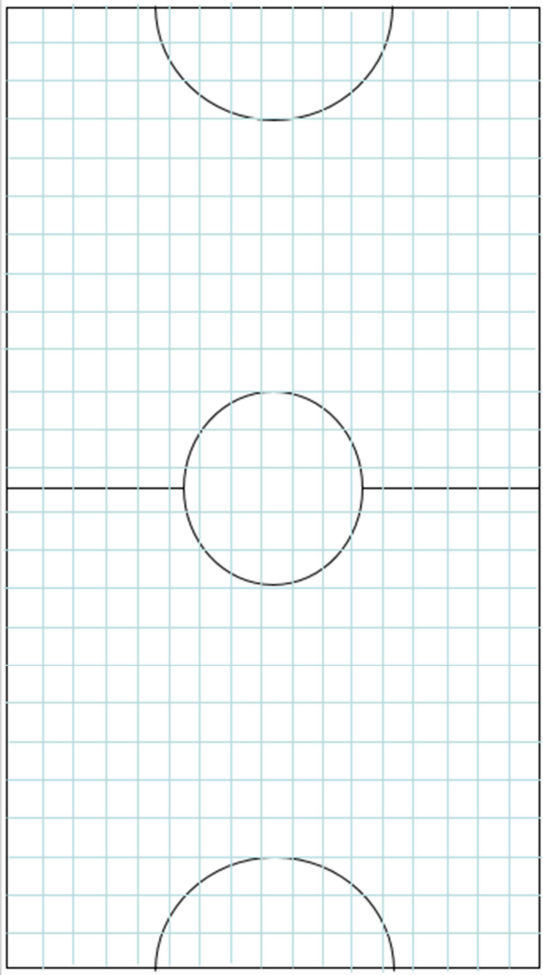
errados, faltas, escanteios (ofensivos e defensivos), gols, finalizações (no gol, fora do gol, bloqueadas), assistências, contra-ataques, bolas perdidas, bloqueios, jogadas de linha de fundo, jogadas ensaiadas, padrões de jogo, tempo de posse de bola (quadra de defesa e ataque).

Também se entende que, para potencializar os efeitos da utilização do *scout*, é preciso aliá-lo a uma análise tática do jogo, uma vez que só a quantificação das ações técnicas e da sua localização espacial não são suficientes para expressar a realidade do jogo. Contudo, o profissional responsável pela coleta de dados pode desenvolver seu próprio *scout* com as variáveis que julgar necessário.

A seguir, dispomos de modelos de *scouts* que podem ser utilizados para avaliação manual dos jogos assistidos, objetivando a *performance* técnico-tática dos jogadores de linha e do goleiro.

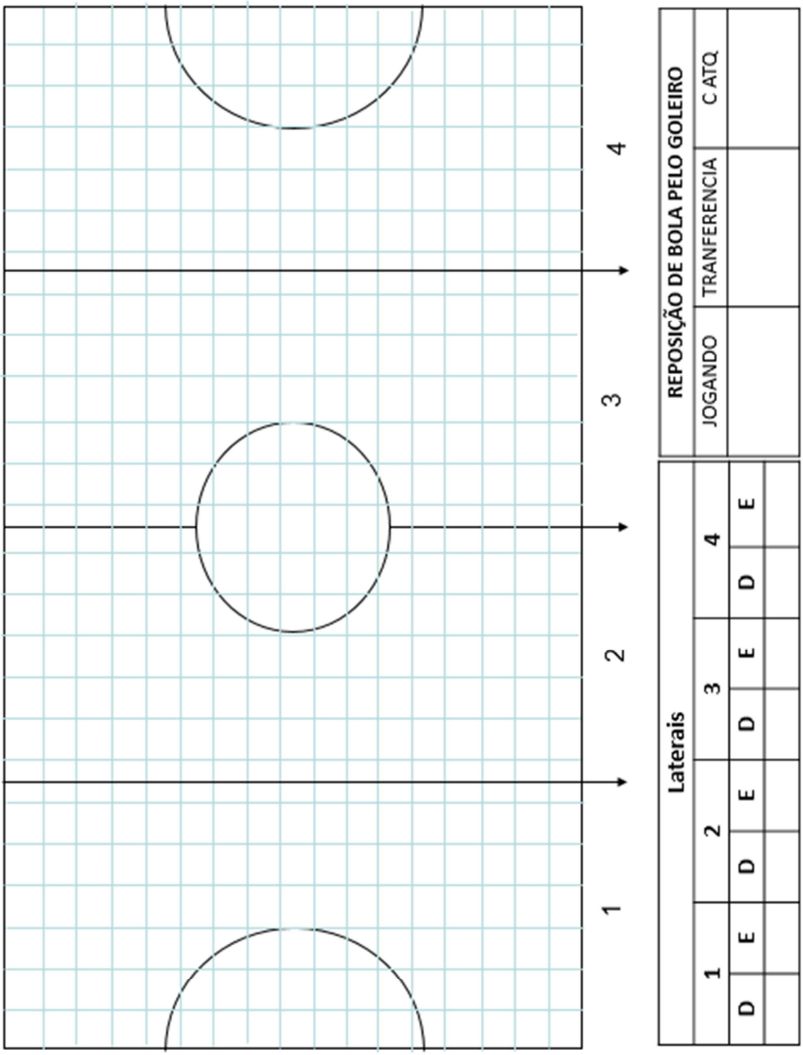
Modelos de *scout*

Avaliação técnica do atleta

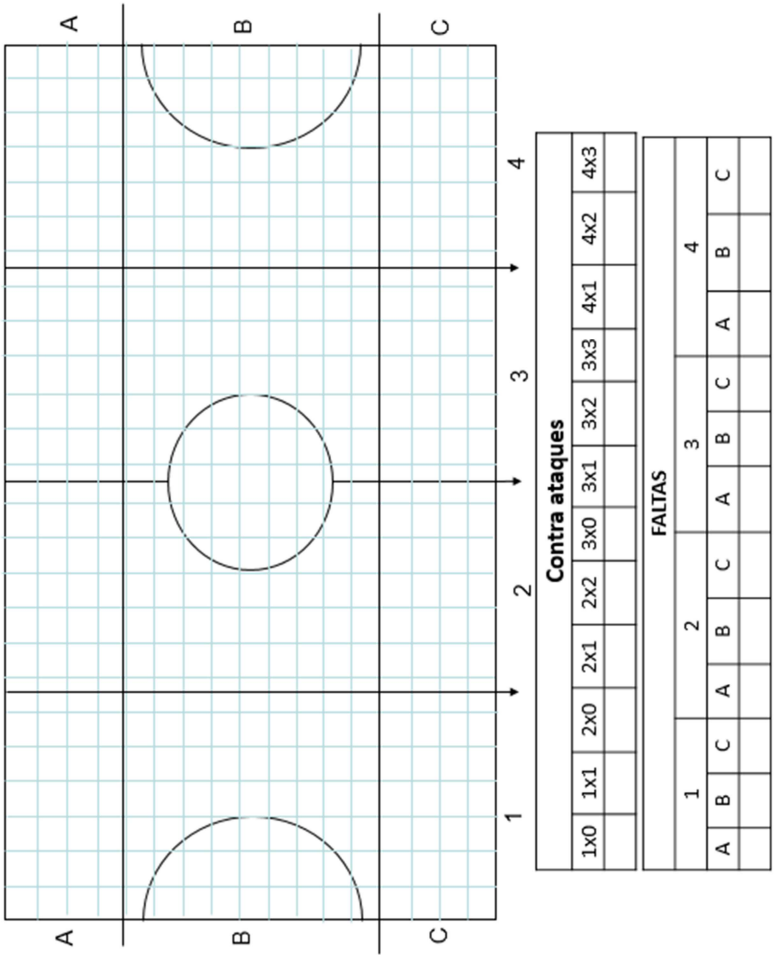


Atletas	Tpo. jogo	Gols	Fz. gol	Fz. fora gol	Dr. Aplic	Dr. sofr.	Passe certo	Passe err.	Bola perd	Desar. m.c/ p	Desar. m.s/ p	Blog	Chute blog	Itpt de passe	Faltas Cmdas.	Faltas Sof.

Scout para avaliação de laterais e reposição de bola pelo goleiro

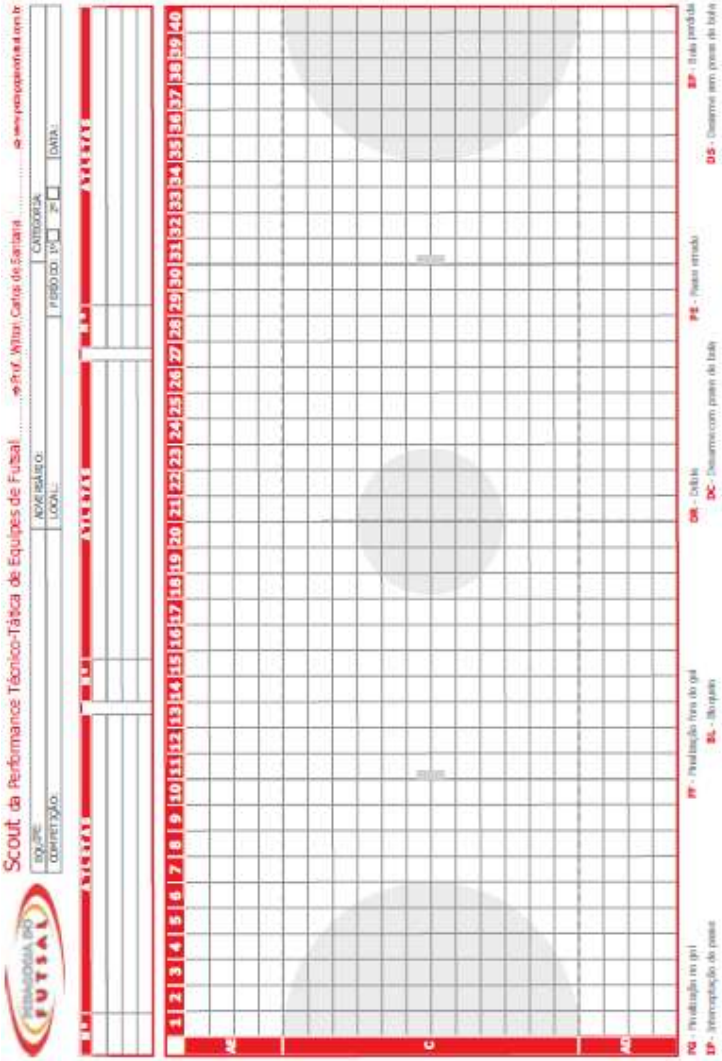


Scout para avaliação de de contrataques e faltas



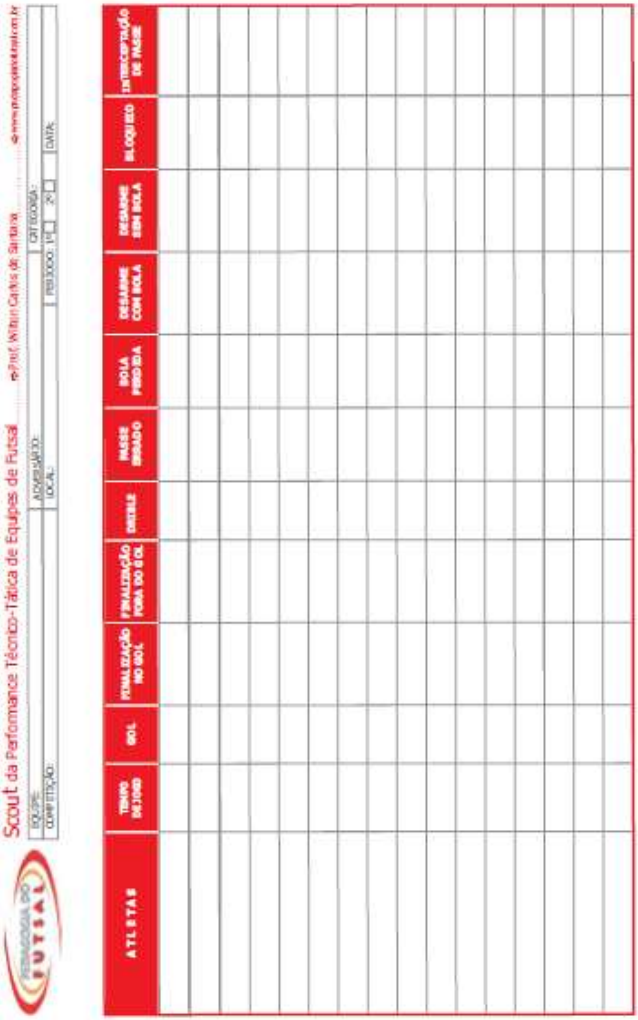
Scout para avaliação de perfomance técnico-tática

Fonte: (pedagogiadofutsal.com.br)



Scout para avaliação de perfomance técnico-tática

Fonte: (pedagogiadofutsal.com.br)

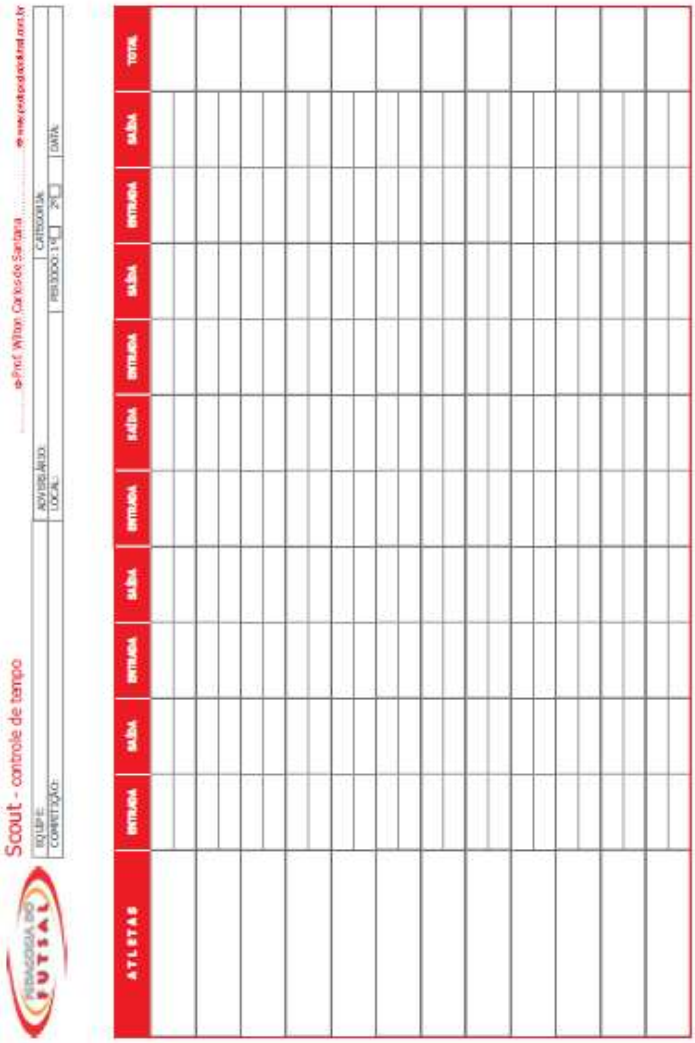


Scout da Performance Técnico-Tática de Equipes de Futsal

ATLETAS	TEMPO INICIADO	GOL	FINALIZAÇÃO NO GOL	FINALIZAÇÃO FORA DO GOL	DRIBLE	PASSE ERRADO	BOLA PERDIDA	DESARME COM BOLA	DESARME SEM BOLA	BLOQUEIO	INTERCEPTAÇÃO DE PASSE

Scout para avaliação de controle de tempo

Fonte: (pedagogiadofutsal.com.br)



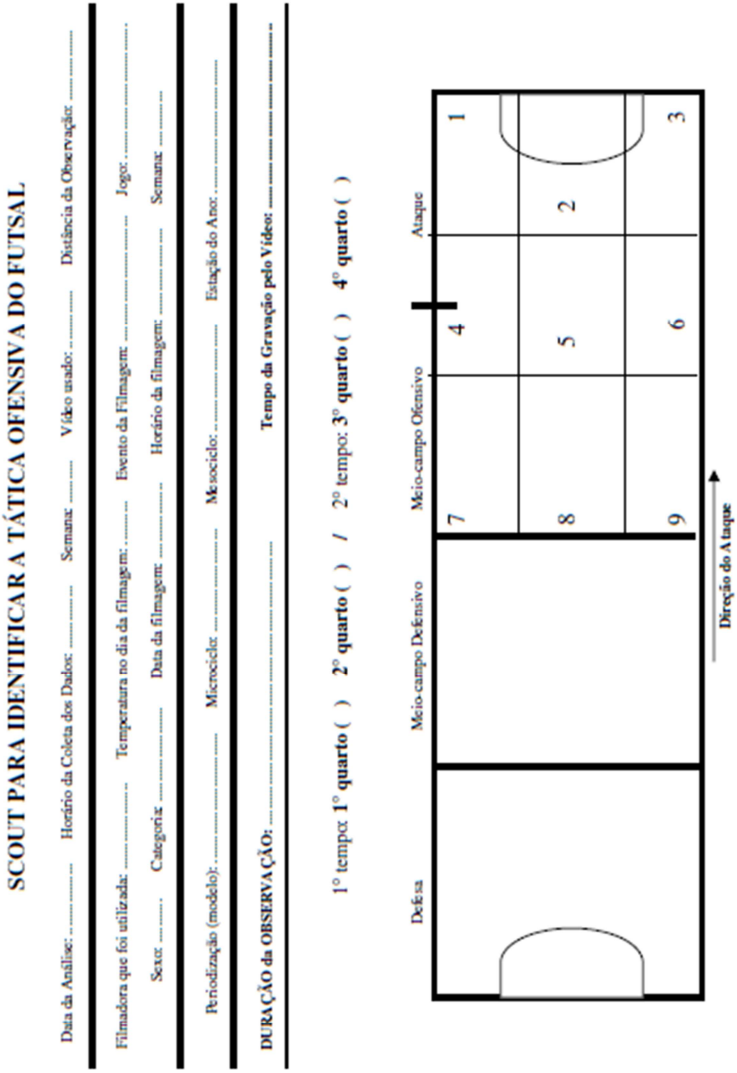
Scout - controle de tempo

EQUIPE: | ADVERSÁRIO: | CATEGORIA:

COMPETIÇÃO: | LOCAL: | PERÍODO: 1º ☐ 2º ☐ | DATA:

ATLETAS	ENTRADA	SAÍDA	ENTRADA	SAÍDA	ENTRADA	SAÍDA	ENTRADA	SAÍDA	ENTRADA	SAÍDA	ENTRADA	SAÍDA	TOTAL

Scout para avaliação de tática ofensiva
Fonte: Marques Junior (2008).



SCOUT PARA IDENTIFICAR A TÁTICA OFENSIVA DO FUTSAL

Data da Análise: ..... Horário da Coleta dos Dados: ..... Semana: ..... Vídeo usado: ..... Distância da Observação: .....

Filmadora que foi utilizada: ..... Temperatura no dia da filmagem: ..... Evento da Filmagem: ..... Jogo: .....

Sexo: ..... Categoria: ..... Data da filmagem: ..... Horário da filmagem: ..... Semana: .....

Periodização (modelo): ..... Microciclo: ..... Mesociclo: ..... Estação do Ano: .....

DURAÇÃO da OBSERVAÇÃO: ..... **Tempo da Gravação pelo Vídeo:** .....

1º tempo: **1º quarto** ( ) **2º quarto** ( ) / 2º tempo: **3º quarto** ( ) **4º quarto** ( )

***Scout* para avaliação de tática ofensiva**
Fonte: Marques Junior (2008).

Colocar no Campo: as Abreviações Ofensivas no Campo / o Grau da Jogada

INÍCIO OFENSIVO - IO	CONSTRUÇÃO e DESENVOLVIMENTO OFENSIVO - CDO	FINALIZAÇÃO - F
Tiro de Meta - TM / Lateral - LA / Lançamento – L / Drible - DR / Passe – P / Condução da Bola – C / Desarme – D / Falta Indireta – FI Outros:	Condução da Bola – C / Passe – P / Drible – DR / Lançamento – L Intervenção do Oponente – Iop / Lateral – LA / Córner – Cor / Falta Indireta – FI / Jogada Ensaiada – JE Outros:	Chute Fora - ChF / Chute perto do gol - ChG / Chute tirado pela defesa - ChD / Chute defendido pelo goleiro – Ch goleiro / Gol de chute – G / Gol de córner – GC Outros:

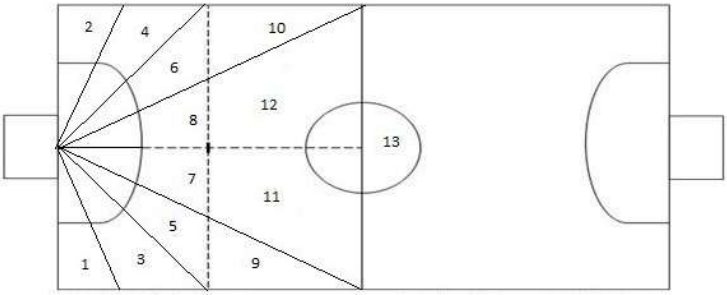
Grau e Classificação da Jogada de Ataque (fazer no IO, na CDO e na F): 0 muito fraco / 1 fraco / 2 médio / 3 bom / 4 excelente

Onde teve a Visão Periférica com o seu respectivo Grau e Classificação

Descrição da Ação	IO	CDO	F	Grau	Classificação
Joga olhando para a bola.				0	Muito fraco
Joga olhando para a bola e num determinado momento ergue a cabeça, mas não faz o fundamento com precisão.				1	Fraco
Joga olhando para a bola e num determinado momento ergue a cabeça, fazendo o fundamento com precisão.				2	Médio
Joga de cabeça erguida, mas é inconstante na precisão do fundamento. Embora faça a jogada melhor do que a classificação médio.				3	Bom
Joga de cabeça erguida, fazendo o fundamento com precisão.				4	Excelente

Elaborado por Marques Junior N (2008). **O efeito do treino da visão periférica no ataque de iniciados do futsal: um estudo na competição.** Dissertação, UCB. p. 70-1.

Scout para avaliação do tipo de defesa praticada pelo goleiro x posição de chute



Local	QA	QM	QB	QP	SQ	CO	AR	Ang	Gols
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

Legenda: QA- queda alta, QM - queda média, QV - queda baixa, QP – queda com os pés SQ – defesa sem queda, CO – cobertura AR – saída arrastada Ang - saída fechando o ângulo.

AS REGRAS DO JOGO

Todas as regras estão contidas no do “Livro nacional de regras de futsal 2018” (CBFS, 2018), encontradas no site: <http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/regras/livronacional.html >, bem como seus anexos relacionados à lei da vantagem, à decisão por tiros penais, ao código de sinais, à súmula, à sugestão de montagem de arena e ao modelo de relatório de expulsões.

O entendimento das regras do jogo é de suma importância para o desenvolvimento da partida e fundamentam a atuação do profissional de Educação Física no futsal, tanto no ensino quanto no alto rendimento.

Bibliografia sugerida para complementação de leitura

APOLO, A. **Manual técnico didático do futsal**. São Paulo: Scortecci, 1995.

APOLO, A. **Futsal**: metodologia e didática na aprendizagem. São Paulo: Phorte, 2004.

AIRES, A. H. B. Variação tática de goleiro linha não altera o resultado das partidas de futsal na Taça São Paulo 2009. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 101-107, maio-ago. 2011.

ANDRADE JUNIOR, J. R. **O jogo de futsal técnico e tático na teoria e na prática**. Curitiba: Expoente, 1999.

_____. Futsal. In: PINTO JR., A. P. (Coord.). **Coletâneas de atividades de educação física para o ensino fundamental**. Curitiba: Expoente, 2003.

_____. **Futsal**: aquisição, iniciação e especialização. Curitiba: Juruá, 2009.

BARBERO-ÁLVAREZ, J. C. et al. Match analysis and heart rate of futsal players during competition. **Journal of Sports Sciences,** v. 26, n. 1, p. 63-73, 2008.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BELLO JÚNIOR, N. **A ciência do esporte aplicada ao futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

BENDA, R. N.; XAVIER, A. J. M.; MARTINI, C. O. P., Treinamento da velocidade: um bom goleiro reage rapidamente. In: GRECO, P.J. (org). **Caderno do Goleiro de Handebol**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BORGES, G. R.; LOTH, R.; DORNELLES, R. F. M. **Análise dos gols nos jogos da liga futsal 2013**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2013.

BORGES, R. M.; AMORIM, A. C. Futsal. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento 1**: esportes de invasão. Maringá: UEM, 2014. v. 1. p. 175-218.

BRAZ, J. **Organização do jogo e do treino em futsal**: estudo comparativo acerca das concepções de treinadores de equipas de rendimento superior de Portugal, Espanha e Brasil. 2006. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. Porto, 2006.

CARMINATTI, L. J. **Futsal intermittent endurance test (fiet)**: avaliação e método para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade em atletas de futsal. 2014. 130 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO (CBFS). **Livro nacional de regras 2018**. Fortaleza: CBFS, 2018. Disponível em:

<http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/regras/livronacional.html >. Acesso em: 4 fev. 2019.

D´ÁVILA, R.C.; GRECO, P.J.; MATIAS, C.J.A.S.; JÚNIOR, T.F.O. **Modelos de avaliação do comportamento técnico-tático do goleiro de handebol.** In: GRECO, P.J. (org). Caderno do Goleiro de Handebol. Belo Horizonte: UFMG, cap. 22. p. 236-254.

DUFOUR, W. Computer assisted scouting in soccer. **Science and Football II**, Londres, E & FN SPON, p. 160-166, 1993.

FERREIRA, R. L. **Futsal e a iniciação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

FERREIRA, R. B. PAOLI, P. B. COSTA, F. R. Proposta de "scout" táticos para o futebol. **Revista Digital Educación Física y Deportes**. Vol. 12. Núm. 118. p. 1-13. 2008.

FERRETTI, F. Os sistemas defensivos: uma visão atual. **Ferretti futsal**. Jaraguá do Sul, 2011. Disponível em: <http://www.ferrettifutsal.com/recebe.php?cont=Artigos&npag =33091666.php>. Acesso em: 15 nov. 2011.

FILGUEIRA, F. **Futebol**: uma visão da iniciação esportiva. Ribeirão Preto: Ribergráfica, 2004.

FONSECA, G. M. **Futsal**: metodologia do ensino. Caxias do Sul: UCS, 1997.

_____. **Futsal**: treinamento para goleiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Porto: FCDEFUP, 1998.

_____. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, Universidade do Porto, v. 1, n. 1, p. 57-64, jan. 2001.

_____. O treino da táctica e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-ação. In: BARBANTI, V. et al. (Orgs.). **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e saúde. São Paulo: Manole, 2002.

GODIK, M. A. **Futebol**: preparação dos futebolistas de alto nível. Londrina: Grupo Palestra Sport, 1996.

GOMES, A. C.; MACHADO, J. **Metodologia e planejamento na infância e adolescência**. Londrina: Midiograf, 2001.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia de ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES; Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazeres da educação física na escola**: planejar, ensinar, partilhar. Erechim: Edelbra, 2012.

GOULART, A. S.; VOSER, R. C. **A importância da psicologia do esporte para o rendimento do atleta de futsal**. São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.futsalgmd.com.br/novo/arquivos_up load/artigos/1.pdf >. Aceso em: 15 set. 2012.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

KUNZE, A.; SCHLOSSER, M. W.; BRANCHER, E. A. Análise das técnicas de goleiro mais utilizadas durante os jogos de futsal masculino. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 8, n. 30, p. 228-234, set.-dez. 2016a.

_____; _____; _____. Relação entre o setor da quadra e a incidência de finalizações no futsal masculino adulto. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 8, n. 30, p. 235-241, set.-dez. 2016b.

LEITÃO, R. A. A. **Futebol**: análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos em jogos. 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

LUCENA, R.F. **Futsal e a iniciação**. 5.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MARQUES JUNIOR, N. K.; GARCIA, G. S.; SILVA, V. F. O efeito do treino da visão periférica na correlação entre chutes para o gol e tentos realizados no futsal. **Revista Conexões**: Educação Física, Esporte e Saúde, Campinas, Unicamp, v. 6, n. 2, p. 13-27, 2008.

MELO, L. MELO, R. **Ensinando Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

MORATO, M. P. Treinamento defensivo no futsal. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 10, n. 77, outubro 2004. Acesso em: 3 jun. 2007.

MUTTI, D. **Futsal, futebol de salão, futsal-base**: artes e segredos. 2. ed. São Paulo: Hemus, 1994.

_____. **Futsal**: da iniciação ao alto nível. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.

OLIVEIRA, L. L. et al. A relação entre o número de finalizações, passes e desarmes de bola com o resultado em jogos de futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 37, p. 221-227, maio-ago. 2018.

OLIVEIRA, D.M.N. ROMCY, D.M.L. BALZANO, O.N.2010.**Programa de treinamento tático defensivo no futsal através de jogos condicionados. Parte II.** Disponível em <https://www.efdeportes.com/efd148/treinamento-tatico-defensivo-no-futsal-ii.htm> Acesso em: 20 out 2018.

PHILIPPI, A.; SOUSA, J. **Análise dos gols em jogos do V torneio mundial feminino de futsal 2014**. 2015.. Trabalho de conclusão (Graduação em Educação Física) – Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2015.

PLATONOV, V. N. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAAD, M. A. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal**. 2002. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

_____; COSTA, C. **Futsal**: movimentações ofensivas e defensivas. Florianópolis: Visual Books, 2001.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K: Reflexões sobre o conceito de resiliência: superando adversidades no contexto esportivo. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, Uerj, v. 9, n. 2, p. 92-98, abr.-jun. 2010.

SANTANA, W. C. **Futsal**: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

_____. **Contextualização histórica do futsal**. 2010. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/historia.aspx>. Acesso em: 22 ago. 2015.

_____; REIS, H. H. B.; RIBEIRO, D. A. A iniciação de jogadores de futsal com participação na Seleção Brasileira. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires. v. 11, n. 96, p. 1, maio 2006.

_____. **Scout de performance técnico-tática de equipes de futsal**. Disponível em: <www.pedagogiadofutsal.com.br>. Acesso em: 8 fev. 2013.

SANTOS FILHO, J. L. A. **Futsal**: preparação física. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

SILVEIRA, J. A educação física escolar nas escolas públicas e os seus conteúdos: uma análise sobre a postura dos educadores acerca de seu campo de trabalho. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 6. **Anais...** Niterói, 2002. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/a-educacao-fisica-escolar-nas-escolas-publicas-os-seusconteudos-uma-analise-sobre-postura-dos-educadores-acerca-seu-campo-trabalho>. Acesso em: 20 out. 2018.

SIMÕES, C. H. **Jogando contra goleiro linha**: como reverter essa desvantagem numérica. Madri, set. 2006. Disponível em: <http//www.futsalcoach.com>. Acesso em: 19 out. 2006.

TAVARES, F.; GRECO, P.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. In: GO TANI, G.; BENTO, O. J.; PETERSON, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do desporto**. São Paulo: Grupo GEN, 2006. p. 284-298.

TEIXEIRA JÚNIOR, J. Futsal 2000: o esporte do novo milênio. Porto Alegre: Edição do autor,1996.

TENROLLER, C. A. **Futsal**: ensino e prática. Canoas: Ulbra, 2004.

TOLUSSI, F. C. Futebol de salão: tática – regra - história. São Paulo; Brasilpal, 1982.

VOSER, R. **Futsal**: princípios técnicos e táticos. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

_____; GIUSTI, J. G. O. **Futsal e a escola**: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. 9. ed. Manole: São Paulo, 1999.

ZILLES, A. **Polígrafo de futebol de salão**. Porto Alegre: UFRGS, 1987.